



Ministério da
Cultura



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
CURSO DE FORMAÇÃO DE GESTORES CULTURAIS DOS ESTADOS DO
NORDESTE

ISA MARIA FARIA TRIGO

DANDO NÓ EM PINGO D'ÁGUA:

**Plataforma Freire de Artes Visuais da UNEB: problemas,
resultados e belezas.**

Olinda
2014

ISA MARIA FARIA TRIGO

DANDO NÓ EM PINGO D'ÁGUA:

**Plataforma Freire de Artes Visuais da UNEB: problemas,
resultados e belezas.**

Ensaio apresentado ao Curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste, promovido pelo Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia, em parceria com a Fundação Joaquim Nabuco e o Ministério da Cultura, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão Cultural.

Orientadora: Professora Doutora Cármen Fontes de Souza Teixeira

Olinda
2014

ISA MARIA FARIA TRIGO

DANDO NÓ EM PINGO D'ÁGUA:

**Plataforma Freire de Artes Visuais da UNEB: problemas,
resultados e belezas.**

Ensaio apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão Cultural pela Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 24 de novembro de 2014.

Banca examinadora

Sérgio Coelho Borges Farias
Doutor em Artes pela Universidade de São Paulo, Brasil (1990)
Assessor da Reitoria para Cultura e Arte da Universidade Federal do Oeste da Bahia ,
Brasil

Paulo Miguez
Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da
Bahia, Brasil(2002) Professor Adjunto III da Universidade Federal da Bahia, Brasil

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade do Estado da Bahia – UNEB - pela confiança em mim depositada como sua representante nesse curso e também no Fórum de Formação em Cultura da Bahia, desde a sua fundação; e por me propiciar condições concretas para realizá-lo. E em especial, a todos os meus coordenadores locais, à Coordenadora Geral da PARFOR, profa. Hilda Ferreira, à professora Vera Nunes e aos professores Joceval Bittencourt e Ricardo Freitas, pela cessão de fotos e textos para esse ensaio.

Agradeço aos professores da banca e à minha orientadora, pela generosidade e disponibilidade na orientação desse trabalho.

Agradeço a todos os professores e colegas do curso pelas valiosas contribuições durante todo esse período.

Desaprender oito horas por dia ensina os princípios.

Manoel de Barros, Livro das Ignorãças

TRIGO, Isa Maria Faria. **Título:** DANDO NÓ EM PINGO D'AGUA: Plataforma Freire de Artes Visuais da UNEB: problemas, resultados e belezas. (74)p. il. 2014. Ensaio (Curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

RESUMO

O ensaio aqui apresentado tece considerações sobre a vivência dos alunos, coordenadores locais e da própria autora, envolvidos no curso de Licenciatura em Artes Visuais da PARFOR na UNEB, no contexto da sua realização em dez pólos, no período de 2010 até a presente data. Reflete sobre o contato com a Cultura e com as artes, promovido no referido curso, considerando as produções artísticas e pedagógicas de uma população de “não artistas” educadores e seus efeitos nas suas produções artísticas e nas suas percepções acerca de si próprios após a formação. Utiliza como referenciais teóricos as noções etnocenológicas de espetacularidade, sujeito, trajeto e objeto, oriundas da Etnocenologia, a partir de Armindo Bião, bem como dialoga com os referenciais ligados à gestão da Cultura e às políticas públicas, especialmente a partir de Isaura Botelho e de José Márcio de Barros.

Palavras-chave: Cultura, Artes, formação de professores

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	9
I	CONTEXTO: A UNEB, AS LICENCIATURAS ESPECIAIS, A PARFOR	11
I. 1	A PLATAFORMA FREIRE E A UNEB	21
I. 1.1.	PARFOR de Artes Visuais na UNEB	23
II	O CURRÍCULO DE ARTES VISUAIS DA PARFOR-UNEB: PROCESSOS, PROBLEMAS, COMPONENTES, RESULTADOS	26
III	UM TREM DE LUZES	33
IV	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, DIGITAIS E INSTITUCIONAIS	40
V	ANEXOS	41
	ANEXO N.1 – 1ª Chamada Pública com correções	42
	ANEXO N.2 – Módulo I – Guanambi	66
	ANEXO N. 3 - Fluxograma Curso Artes Visuais (enviado em excel)	
VI	APÊNDICES	67
	Questionário Coordenadora Local Barreiras Vera Nunes	68
	Vídeos de Norma Neyde e de Seminário-Guanambi (link) https://vimeo.com/111872408 Senha: entrevista	



Foto: Joiceval Bitencourt. Aluna do Polo de Salvador posa com o seu desenho em auto-retrato, feito para exposição nas paredes do Departamento de Educação da UNEB. Exposição de 2012. Seminário Temático

DANDO NÓ EM PINGO D'ÁGUA:

Plataforma Freire de Artes Visuais da UNEB: problemas, resultados e belezas

Isa Trigo

INTRODUÇÃO

Esse texto é um ensaio de caráter compreensivo acerca de uma vivência. Toma como objeto o curso de Licenciatura em Artes Visuais da PARFOR na UNEB, no contexto da sua realização em dez pólos, no período de 2010 até a presente data. Com suas características regionais e culturais, seus problemas e soluções encontradas.

O principal objetivo do ensaio é *levantar considerações atinentes aos modos de resignificar a si mesmos dos sujeitos envolvidos, no âmbito do contato com a Cultura e com as artes, promovido no curso*, para: alunos, coordenadores locais e autora, considerando as produções artísticas e pedagógicas de uma população de “não artistas” educadores. No ensejo, são levantadas considerações relativas ao que todo esse processo produziu de resultados significativos, individual e pedagogicamente, em especial no modo de pensar sua cultura, sua arte e a si mesmos, nos envolvidos, ao refletir sobre a produção artística criada por sujeitos “não artistas”, ou educadores. Professores alunos que, em vários casos, ministram as disciplinas de artes de suas escolas por simples acaso, simpatia ou falta de opção. E que se inscreveram como alunos da PARFOR de Artes Visuais pela obrigatoriedade da lei sobre a necessidade do 3º grau para docentes de ensino médio.

O ensaio tem três partes; na primeira, são descritos o contexto desse processo, partindo-se da caracterização da UNEB, do ponto de vista organizacional, acadêmico e territorial, descrevendo-se sua relação com o PARFOR e com o Curso de Artes Visuais da PARFOR. Na segunda parte discute-se o *Currículo de Artes Visuais* da PARFOR especialmente no que tange à forma como alguns componentes curriculares (Oficina, Seminários Temáticos e Estágio) funcionaram nesse processo; aos quais, juntamente com a experiência com as práticas artísticas, atribui-se boa parte das mudanças. E na terceira parte, intitulada *Um Trem de luzes*, discutem-se as idéias, perguntas e o eixo do ensaio, abordando-se as questões relativas à gestão do processo vivenciado a partir da resignificação da cultura depois do processo formativo, em contraponto às concepções iniciais acerca de cultura e de artes para os diversos sujeitos dessa experiência. Nessa parte são então discutidas as referências teórico-metodológicas, bem como procedimentos – não de realização de pesquisa, pois aqui não há – e das estratégias e percursos criados e úteis para futuras experiências nesse tipo de ação.

As referências teórico-metodológicas desse ensaio bebem da fonte da Etnocnologia, que, segundo um dos seus fundadores, o professor Armindo Bião, é

Uma perspectiva transdisciplinar, lançada através de um colóquio internacional e de um manifesto na UNESCO, em Paris, em 1995, interessada pela diversidade cultural dos fenômenos humanos espetaculares: as artes (teatro, dança, circo, ópera, performance etc), festas e ritos (religiosos ou não), que tem se desenvolvido em programas de pós-graduação, grupos de pesquisa e publicações, sobretudo no Brasil e na França.¹

Essa perspectiva dialoga com a Fenomenologia de Alfred Schutz e de Merleau-Ponty, com a Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand, com os estudos filosóficos de Gaston Bachelard, com a Etnometodologia, de Garfinkel, com a Antropologia Teatral de Eugenio Barba e com a sociologia compreensiva de Michel Maffesoli, entre outros. No Brasil, expoentes como Juremir Silva e Armindo Bião são autores representantes² desses modos de pensar e de pesquisar nas artes cênicas.

Na perspectiva etnocnológica, há o pensamento sobre o autor e pesquisador ser, na área de artes, a um só tempo, *sujeito*, *trajeto* e *objeto*. Sujeito, por estar propondo, desejando e refletindo, agindo, enfim, sobre um determinado assunto. E também sujeito, por estar sujeito à sua história de vida, às suas contextualizações, cegueiras e competências únicas. *Trajeto*, porque, via de regra, os temas e perguntas dizem respeito ao próprio percurso pessoal, sobre o qual o autor discorre ou reflete. E *objeto*, pelo objeto a ser analisado ser criação ou ser atravessado por envolvimento ou ação do autor pesquisador. Trata-se então de rigor acadêmico posicionar-se claramente sobre de onde quem escreve e narra observa e se envolve com o evento proposto/construído. Numa área como é a da Cultura e das artes, eminentemente construída a partir das ciências humanas e sociais, a subjetividade entra como componente intrínseco no labor investigativo.

A autora permanece, até a presente data, como Coordenadora de Curso da PARFOR de Artes da UNEB³, desde a implantação do Programa na UNEB, e participou da sua criação curricular; vem intervindo de diversas formas, tais como: avaliação e criação

¹ Para maior aprofundamento, ver o artigo: *A vida ainda breve da Etnocnologia*, em: <http://catedradeartes.uc.cl/pdf/catedra%2010/1a%20aun%20breve%20vida%20de%20la%20estnoescnologia.pdf>

² Algumas das mais recentes sistematizações sobre pesquisas nessa área no país foram feitas pelo professor Sergio Coelho Borges Farias.

³ Fui indicada pela comissão de instalação da PARFOR na UNEB por unanimidade para a função devido ao fato de ter experimentado, tanto na REDE UNEB 2000 quanto no PROESP, as mais diferentes funções acadêmicas, que iam desde ministrar disciplinas de todos os tipos – inclusive seminários e Oficinas – até coordenar curso em cidades fora de sede. Tendo sido positivamente avaliada tanto pelos professores alunos quanto pela gestão administrativa.

de instrumentos⁴, supervisão presencial, propostas e sugestões acadêmicas e estratégicas, correção e avaliação de ações e de materiais relacionados ao Programa e ao curso de Gestão Cultural, e é desse lugar que constrói sua escrita. Para tal, são utilizados documentos institucionais, fotos, vídeos e depoimentos de seus coordenadores locais, tomados via email, oralmente ou por relatórios; depoimentos orais da primeira coordenadora geral do PARFOR na UNEB⁵; bem como são discutidas a questão da Cultura e das artes a partir de mudanças concretas dentro dos pólos; pelos seus resultados visíveis e relatados, acadêmicos e artísticos.

Por tratar-se de reflexão sobre fatos já ocorridos e sobre os quais não havia incidência de observação ou coleta sistemática de dados, não pode ser tratado como um estudo de caso. Para a análise feita, foram consultados alguns documentos de caráter iconográfico, filmográfico⁶, informático e textual⁷, sendo anexados os documentos e apêndices apenas diretamente relacionados ao que for tratado aqui.

I - CONTEXTO: A UNEB, AS LICENCIATURAS ESPECIAIS, A PARFOR

A Universidade do Estado da Bahia foi criada em 1983⁸; mas uma parte do que comporia a sua estrutura já existia antes disso, dispersa; e, como toda instituição de ensino superior na Bahia, foi criada a partir de vontades e forças políticas vindas de cima, que, nesse caso, passaram pelo governo Roberto Santos, com a intervenção do professor Edivaldo Boaventura e do então Secretário de Educação, Eraldo Tinoco.

⁴ Ver anexo 1.

⁵ Entrevista com Professora Norma Neyde, primeira Coordenadora Geral da PARFOR; em Apêndices, DVD: vídeo I: ou em: <https://vimeo.com/111872408> **Senha: entrevista**
Ver também DVD em Apêndices e o link fechado da internet no vimeo. No vídeo I, ela fala sobre a implantação. No vídeo II dá sugestões.

⁶ Os vídeos se encontram em Apêndice, em DVD. O único vídeo que não pode ser copiado tem o link indicado abaixo e também nas referências bibliográficas/digitais. <http://www.webtv.uneb.br/?p=1793>

⁷ Memorandos, fotos, atas de reunião e relatórios enviados à coordenação Central e à coordenação de curso de artes pelos coordenadores locais. Também foram revistos Editais e documentos relativos ao Currículo de Artes. O próprio currículo encontra-se referido aqui como documento institucional informático.

⁸ “A Universidade do Estado da Bahia (UNEB), criada pela Lei Delegada n.º 66, de 1º de junho de 1983, reconhecida pela Portaria Ministerial n.º 909, de 31 de julho de 1995, e reestruturada pela Lei Estadual n.º 7176, de 10 de setembro de 1997, é uma Instituição autárquica de regime especial, de ensino, pesquisa e extensão, organizada sob o modelo multicampi e multirregional, estruturada com base no sistema binário e administrada de forma descentralizada, vinculada à Secretaria da Educação do Estado da Bahia, com sede e foro na Cidade do Salvador e jurisdição em todo o Território baiano”. Fonte: Regimento Geral. Ver Referências Institucionais Digitais ao fim do texto.

Um pouco antes do início da década de 80, a partir de uma configuração inicial composta pelo Centro Técnico da Bahia – CETEBA – e outras unidades (centros universitários, instituições e núcleos do interior) criadas pelo governo do Estado, foi-se configurando uma instituição que, desde seus primeiros momentos, serviu para a criação de faculdades ou núcleos ditos universitários em diversas localidades; ao sabor das vontades e dos pedidos políticos, mas com pouca condição de manutenção, sem preocupações com planejamento a médio e longo prazo. Essa foi a tônica das quatro primeiras gestões⁹, sendo que na gestão de Lourivaldo Valentim há a suspensão da criação de polos e de Departamentos¹⁰. No momento atual a UNEB conta com 24 campi e 29 Departamentos, que correspondem ao que em outras universidades são denominadas Faculdades.

Desde cedo, viram-se as unidades pólo da UNEB – criadas várias delas a partir de centros técnicos ou núcleos já existentes - frente aos problemas de comunicação e de manutenção (imóveis, material permanente e de consumo, dificuldade de comunicação e de acesso à Administração Central em Salvador) e de fixação de docentes nos seus territórios; problemas que, durante as gestões de reitores ou governamentais subsequentes pouco se modificaram, devido ao insuficiente aporte de verbas ou não priorização governamental. Talvez a maior diferença e desafogo de gestão tenha ocorrido com o advento da internet, e com a criação paulatina de um sistema de comunicação via e-mails e home page, implantado principalmente nas duas gestões do Professor Lourivaldo Valentim. Do mesmo modo que em todos os setores da sociedade, o avanço da comunicação digital se deu em função do barateamento, acessibilidade, maior conhecimento e resultados.

Para a UNEB, a comunicação digital e de tecnologias à distancia é crucial para se comunicar amplamente. A mudança e melhoria, além dessa razão, se deu mais pelo

-
- ⁹ 1983-1984: *Edivaldo Boaventura (nomeado)*
 - 1984-1985: *Fábio Dantas (nomeado)*
 - 1986-1989: *Edelzuíto Soares (nomeado)*
 - 1990-1993: *Joaquim Mendes (Eleição direta três segmentos)*
 - 1994-1997: *Mons. Antonio Raimundo (Eleição direta três segmentos)*
 - 1998-2005: *Ivete Sacramento (direta 3 segmentos)*
 - 2006-2013: *Lourivaldo Valentim Silva (idem)*
 - 2014-presente *José Bites de Carvalho (idem)*

¹⁰ Quando do advento da lei 7176/97, as então faculdades passam a ser chamadas de Departamentos. Disso se tratará com mais detalhe nas páginas seguintes. Para mais informações, ver: <http://governo-ba.jusbrasil.com.br/legislacao/85403/lei-7176-97> e petição da ADUNEB (Associação Docente) contra a mesma. http://aduneb.com.br/backup/7176/lei7176_97arrozadoparasuarevogacao.pdf

crecente planejamento e organização internos do que propriamente pela cooperação ou aumento orçamentário do governo do Estado. Duas gestões após sua fundação, a universidade teve Reitores e diretores eleitos, enfrentando uma política inicial de interiorização pouco planejada, sem garantias de qualidade física e acadêmica suficientes para um padrão de universidade nos moldes regidos pelas agências de fomento. Os problemas de orçamento vêm se acumulando desde longa data. Pois a demanda cresce, as necessidades crescem, e o poder estadual não aumenta proporcionalmente os recursos¹¹. Não podendo captar recursos e projetos pela sua competência em pesquisa, que ainda é inferior às suas necessidades, como universidade enorme e dispersa que é no território, partiu para a resposta às necessidades mais urgentes do Estado, que se traduziram em formação de professores para o ensino em geral. De todo modo, a UNEB é percebida em várias falas, tanto internas quanto externas, como uma universidade que viria *em segundo lugar*, depois das federais. E essa imagem é forte em todo o Estado e no dia a dia dos alunos, docentes e funcionários. No caso dos alunos da PARFOR, essa visão de si como de uma categoria secundária, ainda abaixo dos alunos dos cursos permanentes, era percebida tanto nas falas deles quanto nas dos alunos dos cursos regulares. E modifica-se, nesse caso do PARFOR de Artes Visuais, a partir das intervenções artísticas e ambientais dentro do espaço físico dos Departamentos e dos usos de ambientes nas cidades, tais como praças e escolas. A seguir, no mapa, destacam-se as cidades onde a UNEB mantém seus *Campi*.

¹¹ Em conversa com a autora, o professor Djalma Fiuza, ex gerente da UDO (Unidade de Desenvolvimento Organizacional) e também ex Pró-Reitor de Infra estrutura, analisou que a demanda, mesmo que não aumentada, de despesas e manutenções, e o próprio crescimento e necessidades advindas de mudanças sociais e tecnológicas forçaram, há pelo menos oito anos, a UNEB a assumir despesas e dívidas como forma de fazer frente às suas diversas necessidades únicas, tais como: o deslocamento e transporte de materiais e pessoas entre pólos; criação de cursos ou atividades; atendimentos técnicos e humanos indispensáveis entre grandes distâncias, progressão funcional e alta rotatividade de docentes. Mais além de incompetências gerenciais.

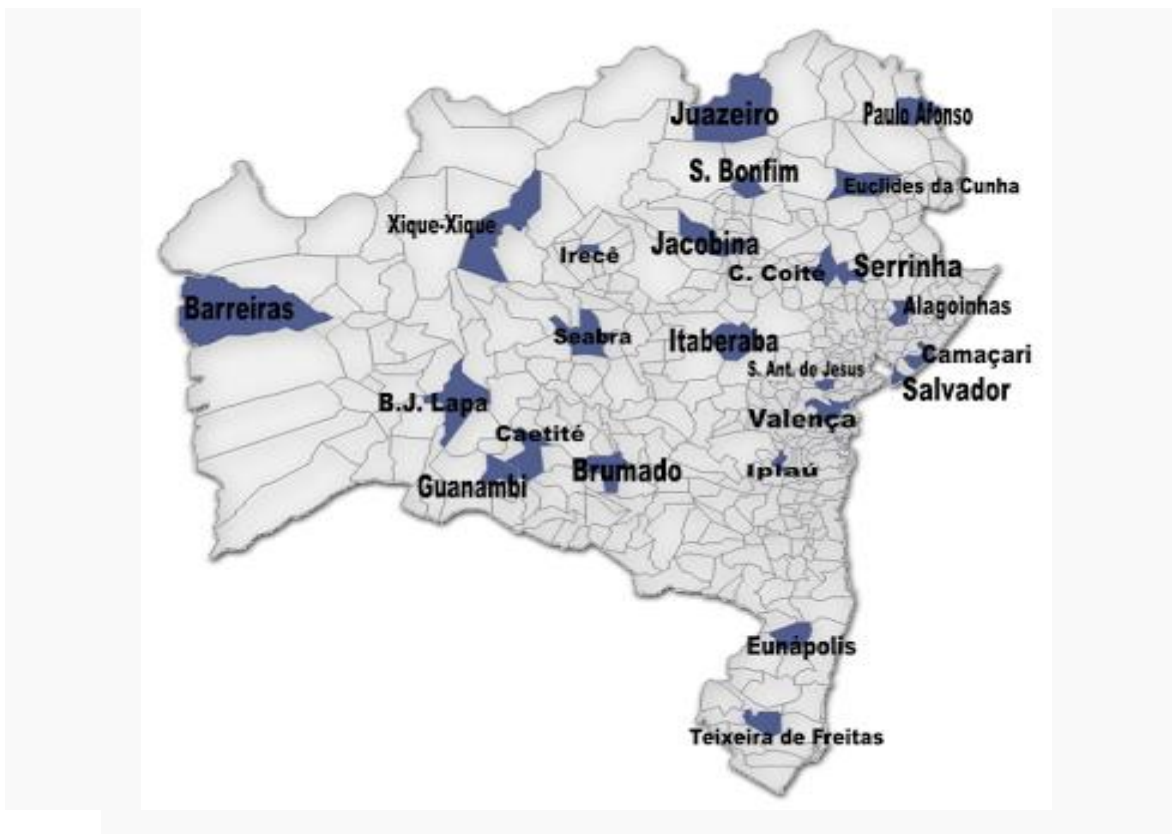


Imagem retirada da internet em 22 de outubro de 2014. 12h13min

https://www.google.com.br/search?q=uneb+departamentos+mapas&biw=1366&bih=596&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ei=UclHVNijL4OONuS4gYAJ&ved=0CAcQ_AUoAg#facrc=_&imgdii=_&imgcr=G3h9yuX_8Jty1M%253A%3BTlyTVG3a9KZHM%3Bhttp%253A%252F%252F1.bp.blogspot.com%252F_E4gfsRiNvbA%252FSarNMYt7_0I%252FAAAAAAAAAAAc%252FZTogp9Ag9FU%252Fs400%252FMapa%252Bda%252BUNEB.PNG%3Bhttp%253A%252F%252Fdespertarepreciso.blogspot.com%252F%3B380%3B400

A seguir, os Campi da UNEB, em ordem cronológica de criação:

- Salvador - Campus I
- Alagoíneas - Campus II
- Juazeiro - Campus III
- Senhor do Bonfim - Campus VII
- Paulo Afonso - Campus VIII
- Barreiras - Campus IX
- Teixeira de Freitas - Campus X
- Serrinha - Campus XI
- Guanambi - Campus XII
- Itaberaba - Campus XIII
- Conceição do Coité - Campus XIV
- Valença - Campus XV
- Jacobina - Campus IV
- Santo Antônio de Jesus - Campus V
- Caetité - Campus VI
- Irecê - Campus XVI
- Bom Jesus da Lapa - Campus XVII
- Eunápolis - Campus XVIII
- Camaçari - Campus XIX
- Brumado - Campus XX
- Ipiáu - Campus XXI
- Euclides da Cunha - Campus XXII
- Seabra - Campus XXIII
- Xique-Xique - Campus XXIV

O ensino superior no Estado sofreu com a aprovação sem emendas da Lei Estadual n.º 7176, de 10 de setembro de 1997; que limitou e retirou da instituição a sua parca autonomia de execução dos recursos, reduzindo seus cargos e modificando para pior sua estrutura

administrativa e acadêmica¹². No entanto, ao longo dos anos, pelos seus próprios cursos, pela quantidade de Campi criados, e pela falta de um outro sistema de universidades federais, amplo, que apoiasse o ensino, a pesquisa e a extensão no interior, a **UNEB acabou por transformar o seu transtorno na sua força; e construiu uma competência própria e única, talvez macunaímica; no sentido de responder, de forma *cabocla*, precária e local, e por isso possível, aos seus problemas.** Essa resposta e instalação de competência se dá especialmente com a implantação das Licenciaturas Especiais (temporárias) inicialmente de Pedagogia; que penetravam nos **rincões** desinteressantes para os acadêmicos da capital e pelas políticas de ensino Federais – já que, pela própria política federal esses locais não eram também cogitados como passíveis de oferecimento de ampliação da Graduação¹³.

O oferecimento de serviço de ensino de terceiro grau à comunidade, configurado nas Licenciaturas e cursos de graduação de oferta especial, se fortalece e se delinea a partir de 1999, consolidando-se com o Programa Rede UNEB 2000. Programa criado para oferecimento de Licenciaturas Plenas de Pedagogia em diversas cidades da Bahia, a partir de demandas de convênios pelo governo estadual, principalmente, suprimindo a obrigatoriedade de qualificação dos docentes atuantes no interior do Estado, sem o terceiro grau feito. Reconhecia o governo do Estado, querendo ou não, serem suas estaduais, e em especial, a UNEB, as instituições capazes de chegarem na “ponta” da carência da formação de docentes no seu território. Inclusive por já estarem lá¹⁴.

Os anos de REDE UNEB 2000 e, posteriormente, de PROESP¹⁵, e agora, em 2014, quatro anos de PARFOR, constroem, tanto para a UNEB, quanto para as comunidades atendidas, um laço inédito entre uma instituição superior de ensino e seus beneficiados, possibilitando melhoria real na condição acadêmica dos docentes do Estado. De fato, no processo de instalação das L.Especiais, que hoje data de 14 anos, a UNEB, criou encaminhamentos e sistemáticas administrativas e pedagógicas para enfrentar problemas como as insuficiências dos professores formados em rede pública, quanto a competências básicas, tais como ler e redigir, ou elaborar cálculos e desenvolver raciocínios investigativos.

¹² Além de retirar totalmente a autonomia financeira, a transformação apenas nomeada de faculdades em departamentos, com o corte de vários cargos e funções, e a junção de componentes e matéria, num mesmo espaço acadêmico e físico, sem muita relação entre si, dentro de cada Departamento, dificultam até hoje a gestão acadêmica e administrativa do Departamento “Faculdade”.

¹³ Há que se considerar o enorme período onde a ampliação do sistema de ensino universitário federal esteve estagnado, na política dos diversos presidentes, durante décadas. Essa política é modificada no governo Lula.

¹⁴ Coisa que continua ocorrendo, ainda que no discurso oficial do atual governador este só reconheça as universidades federais; o Secretário de Educação, Osvaldo Barreto, acaba de fechar um convenio com a UNEB na qual ela assume 35.000 alunos para ensino superior no Estado da Bahia.

¹⁵ A REDE UNEB 2000 formou, entre 2000 e 2008, cerca de 18000 alunos e adentrou com suas Licenciaturas por cerca de 183 municípios, contando com localidades fora dos seus pólos inclusive.

A UNEB estabeleceu, com suas licenciaturas presenciais – uma espécie de corpo a corpo com os alunos que estão nos confins da Bahia. Basicamente, ao encarar e acolher, em nível curricular, diferenças e diversidades, inicialmente obstáculos para atingir o padrão universitário dos indicadores do país, o fez repensando metodologias e componentes e propondo formas flexíveis de avaliação e de construção de conhecimento, exemplificadas por componentes curriculares, tais como Oficinas (interdisciplinares, de Criação, de Artes), Seminários Temáticos e os Estágios de Artes Visuais do PARFOR. Essas proposições, entre outras, são competências desenvolvidas desde 1999 e afinadas nesse caso para o campo das artes no PARFOR.

Michel Maffesoli, em entrevista¹⁶ ao site Zero Hora, postula o reconhecimento de um aprendizado mais horizontalizado, que vem através da internet, onde vários constroem, com erros e imprecisões, o conhecimento; comparando e discutindo o modelo das corporações de ofício, que é também o modelo principal do aprendizado em artes, que é de se ter alguém que paulatinamente orienta, um mestre. Com uma aprendizagem menos distanciada, atenta ao que de fato o aluno aprende e com sentido para o orientando.

Eu não acho que haja uma reforma possível para a educação, mesmo as progressivas. Eu diria que a educação moderna, que havia antes, não é baseada em iniciação, e há uma diferença entre educação e iniciação. A educação, que vemos em universidades e instituições e funcionou bem durante a modernidade, é verticalizada. Enquanto que a iniciação é horizontalizada. A iniciação tem uma ideia de acompanhamento e encontra um ponto de ajuda justamente na internet. É um paradoxo pós-moderno. A iniciação encontra paralelo antropológico na ideia das tribos antigas, quando as pessoas eram iniciadas. Na pós-modernidade se volta para a iniciação, mas com a utilização da internet. As instituições educacionais estão coladas a uma ideia de verticalização: eu sei algo que você não sabe e eu estou passando conhecimento para você. **Na iniciação, há uma horizontalização, como na wikipédia.** A internet mostra que é assim que as coisas vão funcionar na pós-modernidade, com a ideia de compartilhamento. (negrito meu)

Eis um ponto nevrálgico para se entender como funciona o andamento desses cursos. Todos sabem que a Educação no país, em que pese a quantidade de recursos injetada do primeiro governo Lula para cá, se ressentiu de qualidade e de formas de avaliar e de corrigir distorções paulatinamente consolidadas ao longo dos últimos 30 anos; a partir, poderíamos dizer, da reforma educacional nos idos de 60 e 70. Com o golpe militar, o desmonte do sistema educacional e de saúde, juntamente com o não planejamento para atender ao aumento por escolarização e saúde das gerações nascentes, delineia, aqui exposto de forma simples, o quadro que temos até hoje.

As universidades se viram e se vêem, desconfortavelmente, após o advento das cotas e da necessidade de inclusão escolar, na contingência de, muitas vezes, fazer *vista grossa* a um

¹⁶ <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/04/o-sistema-educacional-nao-funciona-mais-diz-michel-maffesoli-4473443.html>

rendimento insuficiente, que por sua vez vai desaguar no mercado de trabalho e na ação profissional. O sistema de universidades ainda não encontrou soluções para os diversos tipos de deficiência advindos da situação levantada acima, em relação às suas próprias deficiências.

A UNEB não abandona e não mascara essa questão. Adota uma via de flexibilização das exigências que não podem ser cumpridas – tais como a precária proficiência na escrita¹⁷ – com a inserção de TCCs em equipe e variedades possíveis de trabalhos de conclusão; com a definição de seminários, nos quais basta estar presente para ser aprovado no componente¹⁸; e também adota trabalhos criativos e processuais – como é o caso dos resultados do componente curricular de Oficinas interdisciplinares, e depois de Oficinas de Criação – nos quais o que se valoriza é a capacidade de trabalhar com o outro, franqueando ao professor aluno a proposição de soluções criativas para o seu próprio alunado. Nesse sentido, reconhece que o rei está nu e que não se vestirá imediatamente.

Hoje, a todo instante irrompem questões de treinamento e de capacitação para mercados de trabalho diversos, com muita gente sem condição técnica de ocupar esses postos. Questão antiga e conhecida, mal comparando, em que as “colônias” fornecem mão de obra bruta, enquanto uma elite se assenhora dos melhores postos. Uma delas é: no contexto em que vivemos, quais proficiências precisam ser mantidas, e quais os formatos e mudanças que o contexto em que elas se davam sofreu? E a quais que a escolarização precisa responder e reorganizar? Há aí uma mediação dolorosa e pouco vista, mas necessária. Muitas vezes, para reaprender a ler, ou mesmo para finalmente ter pela leitura uma motivação e um gosto que possibilite uma subsequente leitura real de mundo, constante a partir de um dado momento, é necessário passar por processos em que outras atividades, ligadas às vivências significativas de cada um, e mais próximas do que o sujeito é capaz de apresentar, o aproximem das suas necessidades de *se ler*.

Outro motivo adotado para flexibilizações em avaliação e em métodos de aprendizagem é a necessidade gerada pela diáspora territorial da UNEB. Como controlar alguém que está a 200 km nos dias em que não há módulo? O controle tradicional se dá através da vigilância presencial do docente, e através de métodos de avaliação diversos,

¹⁷ O que não é tolerado é cópia ou compra de trabalhos. A flexibilidade de resultados finais – especialmente na Licenciatura de Artes Visuais, foi possível a apresentação de exposições, vídeos, criação de narrativas e documentação de processos, em equipe. Acompanhados pelo docente, com etapas de passo a passo, nas quais cada um tem tarefas e conhece o que está sendo pedido, e aprende, ainda que não o faça, um pouco do que o outro está fazendo.

¹⁸ Mesmo não sendo obrigatória a nota no componente de Seminários Temáticos, há casos, como o do seminário temático de Guanambi, realizado agora em outubro, que gerou, mesmo sem uma demanda de nota, o vídeo que segue em link, também no DVD em Apêndices. Guanambi: <https://vimeo.com/111644411> Senha: nart

inclusive provas. Aqui temos acompanhamento através dos relatos, das fotos; mas acaba sendo obrigatório entregar na mão do próprio professor aluno a responsabilidade pelo seu aprendizado. Com todas as consequências boas e ruins daí advindas. Nesse caso, tem-se a motivação do mesmo já estar em exercício de função. O que pode ser contraproducente, pois há os que estão desmotivados, ou só entraram para cumprir o curso. Mas como a maneira de acontecer do curso é muito diferente da que é a usual no imaginário da maior parte deles, todos acabam por vivenciar uma experiência na qual avaliam seus professores, reivindicam melhorias e materiais, juntam-se e cooperam entre si *forçosamente*; experimentando uma liberdade de metodologias e de avaliação que amplia e mostra ser possível mudar dentro de sua própria prática.

E então se pergunta; em que circunstâncias se pode garantir aprendizagem, especialmente se o conteúdo for múltiplo e diversificado, transitando por vários campos perceptivos e de conhecimento? A grande garantia é sempre a motivação individual. E o aproveitamento é algo sobre o qual, feliz ou infelizmente, não há mecanismos eficazes de controle, considerando-se esse tipo de contexto de territórios. O que está em causa aqui é a própria crise educacional, crônica. E as formas imaginárias de encobrimento das falhas em relação às expectativas anteriores de boa aprendizagem, em contraposição ao que se processa atualmente no dia a dia maior da vida de cada um.

Os grandes desafios de gestão que a UNEB vem enfrentando nesses 30 anos de existência são os mesmos que as recém criadas federais estão começando a enfrentar agora; o pior deles talvez seja o da fixação do corpo docente nas unidades do interior, pela distância e pela falta de opções acadêmicas, culturais e urbanas nas cidades pequenas. Para se ver outra grande dificuldade, quanto a dificuldades curriculares, pensemos nas ACCs, Atividades Complementares ao Currículo, que na legislação são em número de 200 horas de atividades, fora dos componentes. Isso foi pensado por alguém de grande centro urbano, onde é simples de realizar, pois as ofertas de cursos, museus e extensão universitária no dia a dia são inúmeras. Mas é um enorme gargalo nas cidades pequenas, pela inexistência dessas ofertas.

A difícil manutenção das condições físicas, acadêmicas e materiais dos *campi* criaram um sistema de gestão no qual os pró-reitores, reitoria, diretores e assessorias estão sempre viajando do polo para Salvador e vice-versa. Há reuniões por vídeo conferencia e mensais presenciais com todos os diretores, em algum polo. Há a ida e vinda semanal de carros e materiais semanal entre as unidades, o chamado “malote”; há dificuldade para a qualificação dos seus alunos, docentes e funcionários, em função das distancias e da falta de oportunidades acadêmicas nos locais de origem; dificuldades com os planos de carreira e com os salários e a

crescente demanda da sua comunidade; questões únicas de comunicação e de governança¹⁹ entre seus Departamentos e a Administração Central, e mesmo questões relativas à governabilidade. Conforme diz LUBAMBO, pensando em termos ideais:

(...) A governança pública trabalha com a idéia de uma abordagem interdisciplinar e intersetorial das demandas da população (gestão compartilhada), **ela o faz promovendo a autonomia e a capacidade de decisão dos diversos atores localizados na cadeia de processos** das políticas públicas (autogestão). O mesmo pode ocorrer e ser exportado para a gestão cultural, tanto de maneira global, quanto nos seus diversos programas específicos. (negrito meu)

No caso da UNEB, é de se notar, longe do ideal, como ela lida com suas condições e limitações para dar conta, tanto interna quanto externamente, de demandas da ordem das cidades. E sobreviver... Como exemplo, cito momentos em que a sede da unidade de Barreiras foi tomada pelos sem terra, em 2011. O prédio foi ocupado e as aulas pararam. Não se tratava de uma tomada de estudantes, e sim da apropriação temporária de um território institucional, feita por uma comunidade, de um grupo social que entra no pólo e cria um fato político. Por que os sem terra de Barreiras se julgam nesse direito? Por que não tomaram outro prédio institucional? A UNEB já tinha acolhido antes membros do movimento para atividades. Pode-se dizer que para eles, de algum modo, aquilo também era território deles.

No interior, a UNEB é mais do que uma universidade. Ela é parte da vida das pessoas. E ela lida bem com tudo isso. Vive resolvendo chegada e saída de professores, alojamento, estadia, providências para comida e hospedagem de alunos, eventos, conforme seja o caso, como foi no PROESP. Esse é um exemplo de como a instituição se amalgama e se relaciona nos municípios do interior. Ela tem uma relação estreita com os movimentos populares, lideranças políticas locais e com as políticas de ação afirmativa, estas últimas inauguradas fortemente na gestão de Ivete Sacramento e consolidadas na de Valentim, tendo sido o professor Wilson Mattos, então Pró-Reitor de Pesquisa, o seu principal proponente e elaborador; foi também a primeira IES do Estado a assumir a política de cotas para afro descendentes.

O que a diferencia das outras IES do Estado é que, durante 30 anos, foi praticamente a única instituição pública de ensino superior que atuou, de forma intensiva e com *enorme grau de alcance*²⁰, na formação e na interlocução com as suas comunidades de entorno, enquanto

¹⁹ Sobre isso, Catia Lubambo diz: “A ideia de governança coloca como foco da gestão pública a interação entre o Estado, o mercado com todos os seus elementos e as diversas entidades da sociedade civil”. Ver referências bibliográficas/digitais.

²⁰ As outras estaduais têm apenas um ou dois campi. Não têm a amplitude da UNEB.

instancia acadêmica e de construção de saber. Para entender melhor o que é isso, pensemos por itens:

- a) Em muitas cidades do interior, a aspiração de ser “médico, padre, delegado e advogado” ainda vigora. A UNEB joga um papel simbólico e concreto, dentro do jogo de expectativas e de realização formativa na população de seus pólos e dos municípios onde instala seus cursos, que é a diferença entre ter ou não ter alternativa de formação superior no lugar onde você mora. E esse é o seu principal capital simbólico.
- b) Devido aos seus trabalhos e ações durante esses trinta anos, conhece profundamente os modos culturais de cada comunidade e de seus gestores, dialogando tanto com as autoridades políticas quanto com as instancias pedagógicas formativas da educação básica nos municípios onde tem sede. A UNEB conhece e gerencia os diversos jeitos baianos para manter-se funcionando. A lógica dela nem sempre é direta.
- c) Por ter enfrentado, desde décadas, as dificuldades das distâncias, e ter aprendido a gerenciá-las, tem, hoje, um trânsito e um diálogo com essas instancias que a tornam agente de proposição e de influência dentro das comunidades que acessa e que a acessam.
- d) Para o bem ou para o mal, acabou por estabelecer um padrão de resultados universitários que influenciou e influencia fortemente os gestores educacionais, culturais e outros, dentro dos territórios, devido à sua formação ter se dado muitas vezes unicamente a partir dos estudos dentro da UNEB.

O nível de percolação e de colaboração construído com as comunidades dos diversos territórios em que implementou seus cursos ao longo desses 30 anos no Estado da Bahia é profundo; e atinge a formação dos habitantes de cada polo, cidade e localidade onde atuou. Abaixo, uma copia do folder de resultado de oficina de congadas, no Parfor de Artes de Barreiras, com alunas dentro de suas escolas, a partir do Componente Oficinas de Criação. Observe-se a quantidade de parcerias e de grupos da comunidade envolvidos.



O aluno da UNEB, tal como outros, passa a defender a instituição onde se formou, independentemente de suas falhas ou acertos. Porque nos últimos 14 anos foram as Licenciaturas Especiais - temporárias, presenciais e criadas, em grande parte, a partir das condições de insuficiência múltipla – local, de instrução, de administração, que fizeram a diferença de formação em terceiro grau na grande maioria das regiões baianas. Assim, quando a Plataforma Freire foi criada e demandou das universidades a criação de cursos, a UNEB respondeu com rapidez e com uma grande oferta, de 125 turmas, em pólos e também em municípios²¹. Por já ter uma estrutura de fluxogramas e de procedimentos institucionais, tanto acadêmicos quanto práticos, que lhe permitiria fazer frente ao volume de professores-alunos que se matricularam e a toda a movimentação administrativa decorrente. Era uma quantidade de alunos quase igual à dos regulares, prevista inicialmente para ser de 8000 alunos matriculados. A PARFOR se configurava como uma UNEB dentro da UNEB. A implantação da PARFOR cai, tanto sobre a equipe mais próxima, quanto sobre os Departamentos, como a praga dos gafanhotos do Egito. Só que essa praga trazia recursos e trabalho para muitos. E formação especial numa dimensão nunca tentada antes, em termos de tempo de execução e de alcance. Assumindo, pela sua experiência com ações dessa natureza, 40% de toda a Plataforma Freire do país.

I.1. A PLATAFORMA FREIRE E A UNEB

O programa PARFOR – ou PLATAFORMA FREIRE da CAPES - é um programa federal, originado na administração do Ministro de Educação Fernando Haddad, a partir da obrigatoriedade por parte do Estado em capacitar docentes que, atuando nas Escolas, não tinham ainda o terceiro grau. A partir daí, ele convida pessoas de vários locais do país, entre as quais a profa. Norma Neyde, criadora da Rede UNEB 2000, para que, em conjunto com outros gestores de programas diversos no país, elaborassem a Plataforma Freire, que é iniciada em suas discussões em início de 2009 e implantada, na UNEB, em janeiro de 2010, com início de cursos a partir de 25 de janeiro de 2010. A encarregada de gerenciar o programa fica então sendo a CAPES, dentro da qual se cria uma divisão específica para cuidar desse enorme projeto; que visava graduar professores em exercício nas escolas estaduais e

²¹Na primeira seleção para a PARFOR, publicada em dezembro de 2009, a UNEB ofereceu, dentro dos seus campi, 63 turmas de Pedagogia, 23 em Letras, 10 em Artes, 10 de Matemática, 6 de Sociologia, 1 de Física, 1 de Química e 1 de Informática, 10 de C. Biológicas. Depois, foram acrescentadas principalmente mais turmas de Pedagogia, Letras, Sociologia e Biologia. Anexo 1, 1ª Chamada Pública 2010.

municipais do país em cursos específicos (como química, matemática, física, artes, educação infantil) e que não tinham ainda a formação de 3º grau.

Assim como a coordenação de cursos foi escolhida pela gestão de Licenciaturas especiais da UNEB, também os coordenadores locais foram indicados pelas respectivas Direções de Departamento, com apenas um Departamento realizando algum nível de consulta dentro de reuniões de Colegiado ou de Conselhos Superiores de Unidade. O processo de contato progressivo entre a Coordenação de cursos, os Coordenadores Locais e as Direções de Pólo foi sendo construído progressivamente com vistas a criar laços empáticos que facilitassem o trabalho entre a Administração Central e os pólos.

Como isso se organizou administrativamente? Quase como um sistema de sesmarias. Ou seja: os Diretores de cada Departamento em cada pólo levantaram, em tempo recorde – entre setembro e dezembro de 2009 – quais cursos eles poderiam oferecer a partir dos seus pólos – e a eles cabia receber o recurso, gastá-lo – na forma rígida federal com controle da CAPES – e também – e isso é muito importante – escolher, de maneira mais ou menos democrática²² – quem seriam os coordenadores de curso dentro dos seus Departamentos. Também coube aos Diretores assinar um documento em que liberavam os seus docentes de departamento para darem aulas na PARFOR – já que a legislação, a princípio, não permitiria mais carga horária para docentes. Isso concentrou poder político e acadêmico na mão dos diretores, e gerou uma corrida aos postos de docente e de coordenação local – trazendo toda a coorte de fofocas, conversas e dispersão característicos do *ethos* do ambiente universitário. O outro problema, percebido meses depois da sua implantação, foi a dificuldade de se lidar com os recursos financeiros providos do governo federal, cuja gestão era fortemente centralizada na Coordenação Geral da PARFOR da UNEB, por determinação mesma da CAPES. Ou seja, compra de materiais e equipamentos, tudo tinha que ser licitado pela Administração central, além do que tudo estava sendo feito pela primeira vez, em grande escala. O que significava pelo menos três meses de antecedência nos pedidos.

A novidade, aliada à falta de preparo dos Setores Financeiros, gerou, a princípio, atrasos que acarretavam em falta de materiais diversos para componentes específicos. Isso afetou profundamente a área de Artes Visuais, pela variedade e dificuldade de compra de materiais para cada componente. A própria Administração Central mudava procedimentos sem antecedência. E quando o fazia, a novidade não chegava ou não era compreendida de

²² Alguns tentaram fazer via o Conselho de Unidade. Mas a maior parte indicou simplesmente, os nomes que desejava que coordenassem os Cursos. Assim também, a dispensa para dar aula – uma espécie de documento que atestava que o serviço extra não prejudicaria o trabalho no Departamento – era assinada por eles. Ou seja, um poder concentrado a mais nos Diretores.

imediatamente, necessitando muitas vezes de viagens presenciais para que o coordenador ou diretor de fato começasse a entender e aceitar a forma de usar o recurso. Aliado a isso, o Pró-Reitor, nos seis primeiros meses, proibia que os Coordenadores Gerais de Curso entrassem em contato direto com os Diretores. Isso gerou problemas, pois muitas vezes a informação mais atualizada chegava aos Coordenadores Locais, que, ao dialogar com os Diretores, não sabiam ainda da notícia. A coordenação de Curso de Artes foi admoestada, por iniciar o processo colocando os diretores no email, mantendo-os mesmo contra a ordem da PROGRAD. Isso se mostrou acertado, depois. Os diretores que tinham Cursos de Artes Visuais erravam menos do que os outros. Esse depoimento foi feito ao Pró-Reitor pelos funcionários de pagamento, de compras e também pelos próprios diretores, em reuniões gerais da PARFOR. O pró-reitor acabou aceitando. Dessa forma, a PARFOR de Artes começa com as mesmas dificuldades das outras, mas com uma postura de trabalho mais compartilhada entre os coordenadores locais e o geral e com os seus diretores. Os resultados estéticos com artes aparecem com mais ênfase, e esse é um diferencial importante para se entender as motivações dos diretamente envolvidos.

As dificuldades de manutenção do alunado são devidas, em sua quase totalidade, ao não cumprimento, por parte das prefeituras locais, do compromisso firmado com a UNEB de que custeariam as passagens, estadia e alimentação de seus professores durante os módulos do curso, bem como providenciariam substitutos para as salas de aula no período de ausências. Isso gerou praticamente todas as baixas no número de alunos dentro da PARFOR inteira.

I.1.1. PARFOR de Artes Visuais na UNEB

O processo de criação do curso de Artes Visuais seguiu, de forma geral, a mesma estratégia que foi utilizada nos outros cursos, todos a partir de outubro-novembro de 2009. Já havia um currículo que estava implementado e finalizava seu funcionamento na cidade de Sr.do Bonfim. Utilizou-se como ponto de partida o currículo criado²³ para a Licenciatura de Artes Visuais do PROESP, alguns anos antes. O processo de elaboração do então currículo no PROESP durou cerca de dois meses e meio, e tomou por modelo inicial o formato do de Pedagogia da REDE UNEB 2000, por uma questão de praticidade, que consistia em oferecer, no primeiro semestre, matérias gerais (Sociologia, Filosofia, Antropologia), o que facilitava,

²³Da construção curricular desse curso inicial de Artes Visuais, para o PROESP, coordenada pela profa. Norma Neyde²³, e depois transplantado praticamente igual ao da PARFOR, participaram os seguintes professores, da UNEB e externos: Prof. Adalberto Santos, de Barreiras; Profa. Simone Vanderley, de Bonfim; professores Monica Bittencourt, profa. Isa Trigo e Profa. Nilda Silva, de Salvador; professor Ricardo Japiassu, de Valença; professor Sergio Farias, da UFBA, como consultor convidado.

por ser com docentes que a instituição já poderia arregimentar imediatamente, nos seus quadros; ganhando tempo para buscar externamente outros professores para os componentes mais específicos.

A lógica de execução dos componentes curriculares obedeceu a um formato prático já experimentado na Rede UNEB. Consistia em realizar um módulo presencial, com docentes e professores-alunos, num total de 80 horas – de domingo a domingo – totalizando uma carga horária equivalente à carga horária requerida por semestre em um curso regular²⁴. Esses módulos nem sempre eram marcados com muita antecedência²⁵, dependendo das disponibilidades das salas dos Departamentos em cada campus e das combinações de alunos e de docentes. Assim, o currículo da PARFOR²⁶ é quase igual ao do PROESP, com alterações ligadas aos Tópicos Especiais e ao formato de Estágios²⁷.

Com o amadurecimento da experiência curricular do PROESP, percebeu-se que o estágio, como tradicionalmente feito em Pedagogia, era um equívoco; principalmente em se tratando de professores alunos. Sendo o aluno na verdade um professor já experiente, trata-se no caso desse estágio, muito mais de “desmanchar” práticas docentes viciadas através de ações que inviabilizem os clichês pedagógicos do que propriamente “ensinar” o aluno a ser professor. Disso decorreu que, em 2012, foi feita uma reunião geral entre os coordenadores locais e a direção geral de cursos, na qual se tirou a proposição de que o primeiro semestre do Estágio seria um momento de discussão das angústias e questões antigas a serem abordadas, podendo o resultado desse semestre ser um projeto de intervenção específico dentro da própria classe do professor-aluno: que essas intervenções, a serem feitas no segundo semestre, se constituíam no estágio propriamente dito, com ênfase em ações ligadas à área de artes e cultura e aos problemas enfrentados pelos professores alunos; e de que o terceiro semestre de estágio poderia ser ainda a aplicação desse projeto e inclusive podendo alimentar o TCC, que poderia ser feito em diversos formatos, inclusive em equipe - sendo até desejável – que contemplasse a experiência e a reflexão sobre o estágio. Mesmo não se conseguindo mudar os componentes e os currículos no processo de execução do curso, essa parte dos TCC foi mudada na prática. A instabilidade do programa e da sua execução na UNEB afrouxou os

²⁴Ver Anexo 2 GUA 1º módulo. Pode-se aí observar e deduzir que os docentes vão mensalmente ao polo de aulas – no caso, Guanambi - e que normalmente um docente irá três vezes ao módulo, se for cumprir uma carga horária de 60h, ou quatro ou cinco se for de 75h. São as viagens, os deslocamentos, que no fim decidem se um professor irá ou não, a depender da sua conveniência e disposição física, inclusive.

²⁵Variados casos em que, de ultima hora, um professor desistia, ou que o coordenador atrasava o módulo ou o definia pela disponibilidade do docente mais difícil de ser repostado.

²⁶ Ver anexo3 Fluxograma. O currículo está em Referencias Bibliográficas institucionais digitais.

²⁷ Os tópicos Especiais foram componentes que foram definidos depois. Funcionavam como eletivas ou optativas, para serem definidos a partir da necessidade dos alunos ou do curso.

laços de controle típicos de disciplinas, cobranças e prazos, o que permitiu que muitas coisas novas fossem experimentadas e muitos erros fossem relevados.

Tratava-se de Licenciatura Especial, não permanente²⁸. Esse formato gerava e gera algumas características difíceis de compreender por aqueles que trabalham com Licenciaturas Permanentes; num curso como esse, o aluno não pode perder aula. Se ele perde, especialmente por falta, ele perde o curso. Pela simples razão de que o curso ou o componente não será oferecido novamente. Quando é insuficiente o rendimento durante o semestre, ele tem acesso a três meses de supervisão do docente para recuperar a aprendizagem.

No caso da PARFOR, outra característica única é o fato dos cursos terem sido implantados progressivamente na UNEB. Ou seja; cada curso tinha e tem um período seu de matrícula, o que obrigou a Secretaria Geral de Cursos a acompanhar cada curso e cada matrícula como *única*. O montante de trabalho extra devido a isso começava na sobrecarga que dava ao sistema da SGC, continuando pelo acompanhamento acadêmico de cada pólo, e passando pela impossibilidade do docente pesquisador ministrar o mesmo componente curricular para dois pólos no espaço de tempo de quatro meses, que era o que rezava o regimento de bolsas da PARFOR. No caso do curso de Artes Visuais, todas as turmas em cada pólo começaram, cada uma, em uma data ou mês diferente.

Quadro de n. de alunos inicial e final de dos Pólos de Artes Visuais

Campus	Cidade	Alunos Matriculados em 2010.	Alunos Concluintes até 2014.
Campus I	Salvador	46	21
Campus II	Alagoinhas	33	18
Campus III	Juazeiro	33	12
Campus IX	Barreiras	48	29
Campus X	T. de Freitas	51	14
Campus XII	Guanambi	47	18
Campus XVI	Irecê	49	33
Campus XVIII	Eunápolis	34	16
Campus XXI	Ipiaú	25	12
Campus XXIII	Seabra	52	31

Tabella informada pela PARFOR-UNEB em 17 de novembro de 2014.

²⁸Porque é oferecida em regime temporário durante os semestres necessários à realização do curso, podendo ser repetida ou não com outras turmas, a depender dos convênios entre as partes.

II. O CURRÍCULO DE ARTES VISUAIS DA PARFOR- UNEB: PROCESSOS, PROBLEMAS, COMPONENTES, RESULTADOS

Como diz Duarte Jr., em praticamente todos os seus textos sobre currículo, um Currículo é sempre uma resultante política de forças e de conflitos. E se há algo de instigante nesse processo, é que esse currículo aqui tratado, mesmo na letra sendo firmado, submeteu-se, à força dos transtornos e mutações; e foi sendo feito e desfeito, subvertido e traído, todo o tempo; e põe a nu os processos de dissecação e de devoramento entre forças que um currículo sempre carrega mas nem sempre mostra. Citando a coordenadora de Barreiras, a profa. Vera Nunes, na resposta ao seu questionário²⁹:

O curso iniciou com 44 alunos matriculados, mas compareceram 32, e finalizaram 29. A seleção foi realizada através de uma prova. No primeiro momento os professores se inscreviam no portal, após entregavam a documentação no Campus, o coordenador local fazia a seleção juntamente com mais dois professores e escolhia-se os professores.

A professora narra, em termos de seleção, o que chegou a ela. Em toda a Bahia, milhares de professores que não tinham o 3º grau se matricularam, por via digital, na Plataforma. No mês de dezembro de 2009, nós, coordenadores gerais, não saíamos da UNEB antes das 20h e trabalhávamos até nos sábados. Fazendo editais, levantando listas de alunos, organizando instrumentos de frequência e de controle, e no caso de Artes, particularmente, questionando o Pró-reitor. Porque sabíamos que a busca de docentes para os componentes específicos de artes exigiria uma chamada pública ampla, e que se ela não fosse feita desde o início essa escassez nos atropelaria ainda no primeiro semestre de 2010³⁰. Assim, os alunos submeteram-se a uma prova³¹, de conhecimentos gerais e ortográficos mínimos, o que embasou a seleção dos alunos, já que havia, em alguns pólos, mais interessados do que o número de vagas ofertadas. Após distribuição – a UNEB alocou os alunos territorialmente³²

²⁹ Ver o questionário com respostas em Apêndices. Foram enviados questionários para os dez pólos. Apenas dois coordenadores, a Profa. Vera Nunes e a profa. Erotides Moren, responderam.

³⁰ Participei da elaboração da primeira e da segunda chamada públicas. Ver anexos de Chamada Pública I. Nos anexos, mantive as ponderações que fiz quando da primeira redação.

³¹ Norma argumentava que isso levantaria a auto-estima dos professores alunos e ofereceria um padrão mínimo de seleção, mais além da ordem de matrícula. Após anos, considero que ela estava certa. Durante vários anos em várias das visitas feitas aos alunos, ouvi muitos falarem que tinham se submetido a uma seleção para entrar. Como um valor positivo. Mesmo na UNEB, os alunos da PARFOR eram vistos como alunos de uma condição “inferior”, por não terem entrado via vestibular.

³² Por exemplo: havia alunos inscritos de Boa Vista do Tupim e de Ruy Barbosa, cidades da Chapada Diamantina, para o Curso de Artes Visuais. Como a demanda local era inferior a 30 pessoas, não se criou turma inicialmente em Seabra, que seria o pólo mais próximo. Assim, os alunos desses dois municípios foram deslocados na turma de Salvador, onde se graduaram. Posteriormente, foi criada a turma de Seabra. Ou seja, a

antes da matrícula, sendo que de 44 alunos, 32 compareceram e 29 finalizaram³³. Quanto à singela frase “escolhia-se os professores”, esconde-se aí uma montanha de conflitos e problemas. Sobre a qual passo a escrever.

Conforme dito acima, havia uma discordância amigável entre a Coordenação de Artes Visuais, que incluía a mim e aos meus coordenadores locais, e a Pró-Reitoria, ou mais especificamente, o Coordenador Geral, e hoje Reitor, José Bites. Ponderou-se, desde o primeiro momento, que haveria enormes dificuldades em cumprir os componentes curriculares específicos nos pólos da PARFOR, o que atrasaria e prejudicaria os módulos³⁴. Por vários motivos; não tínhamos os cursos implantados em caráter permanente, ou seja, não tínhamos professor da área de Artes Visuais, a não ser uns poucos; a distancia desestimularia a maior parte dos selecionados; a bolsa não permitia acumular dois pólos no mesmo período, por exemplo, possibilitando a um docente dar aula do mesmo componente curricular, durante os mesmos quatro meses em mais de uma turma. Ou seja, não era possível receber duas bolsas de vez, pois o sistema federal da CAPES não permite o acúmulo. E o recurso usado foi pagamento através de bolsa-pesquisa. Quais as sugestões feitas? Chamadas públicas para os componentes e aceitação de mestres e doutorandos de programas de Pós-Graduação com a qualificação necessária (que era de ser especialista, e no mínimo ser mestre para orientar estágio, guardadas as condições da competência específica na área do componente curricular). Pela regra colocada na UNEB, só poderiam estar em salas docentes que pertencessem ao quadro da UNEB ou de outra universidade ou IES, fosse esta pública ou privada. Como essa limitação parecia ser um absurdo, por saber que muitos doutorandos tinham mais condições do que especialistas de faculdades particulares, insistiu-se, sem muito êxito, na colocação desses doutorandos com tirocínio docente. Mais tarde, se veio a saber que a razão de não contratar alguém com experiência docente e condição técnica fora dos quadros de nível superior era só e apenas o receio da UNEB em receber um processo trabalhista, já que o vínculo de bolsa era de no mínimo quatro meses, o que já configuraria vínculo.

O perfil do público alvo matriculado era ser docente em escolas municipais ou estaduais, ministrando aulas de artes sem ter o terceiro grau na área. Os professores alunos também se

mais ou a menos, os interessados foram manejados e remanejados de acordo com decisões de dentro da Coordenação da UNEB. Baseadas nos critérios de proximidade e de n. de vagas.

³³ Quantos dramas nesses números que desistem... Em Barreiras, como em Salvador, tínhamos alunos de vários municípios. A dificuldade em se deslocar uma vez ao mês e ficar uma semana em Barreiras, a má vontade dos prefeitos, o subsídio prometido e não cumprido, as ameaças de corte de ponto, apesar de terem assinado convênios com a UNEB, foi tudo em vão. Do Estado, foi cumprido o acordo. Das Prefeituras, muito poucos.

³⁴ Por exemplo: os módulos eram montados com dois ou três componentes, que eram trabalhados, a depender da carga horária, durante dois, três quatro ou cinco meses. Ter um módulo com horários vazios era prejuízo para todo mundo. E isso poderia ocorrer pela escassez de docentes de artes dispostos a viajar para os rincões.

comprometiam a não sair de sala de aula, assumindo cargos fora de sala com alunos, a não ser no período dos módulos, sendo seu estágio exatamente na sua própria sala de aula. Essa é uma das características mais poderosas desse tipo de curso; um aluno que é professor, e que, a depender de como seja conduzido o seu estágio, o utilizará como campo de reflexão e de mudança de sua própria prática. Alguns dos estágios foram exemplos disso³⁵.

O processo de contratação desses que seriam os chamados docentes pesquisadores, ocorre então de várias formas. Há a chamada pública, mas ela não é respeitada desde o início. Impossível coadunar a chamada com o processo acelerado de realização dos módulos, pois o curso tem prazo de finalização. Então, todos começaram a buscar os docentes que fossem seus conhecidos ou que tivessem referencia na UFBA, nas Federais próximas, após terem se esgotado os nomes da Chamada. Isso porque a UFBA tem o curso de Artes Visuais na graduação, bem como mestrado. O que o Coordenador Geral da PARFOR contrapunha é que, já que a UNEB assinara o convenio, ela automaticamente teria condição e obrigação de prover ou ter os docentes no seu quadro, não tendo que respeitar os nomes da chamada pública para tal, o que nos liberava para essa procura sem passar pelo mecanismo de convocação pública.

O pagamento se dava e se dá até hoje através de envio de folha de frequência assinada pelo coordenador local e pelo diretor do pólo; e o primeiro pagamento docente demanda vários documentos, a serem enviados para a C. Central. Entre 2010 e 2012, essa área era um gargalo horrível dentro da UNEB. Havia apenas três pessoas trabalhando para pagar toda a folha de pagamentos da PARFOR, que movimentava centenas de processos num espaço mensal de menos de 10 dias por mês. Com o agravante que a CAPES sempre anuncia apenas com alguns dias de antecedência, a cada mês, quando vai abrir o sistema para poderem ser cadastrados novos nomes. Isso, aliado ao fato das folhas de frequência não chegarem, ou chegarem depois da data *mágica*, ou falta de algum documento, gerou enormes atrasos de pagamento de bolsa. Metade da energia de todos na PARFOR se gastava resolvendo problemas de recebimento de proventos dos docentes. Nós, coordenadores gerais de Curso, além dos funcionários financeiros, éramos responsáveis pela liberação, via assinatura nossa nas folhas originais, já que tínhamos a noção do que estava sendo feito nos pólos. Noção essa muitas vezes enganosa. Vez que eram proibidas aulas seguidas de 4 h cada em dois turnos. E muitas vezes os docentes só iam se pudessem fazer mais rápido seus componentes. Isso gerava uma maquiagem na folha de frequência e na caderneta, no Departamento, que redundava em problemas de acompanhamento do trabalho na ponta. Fora o fato do

³⁵ Como é o caso do estágio de Salvador, orientado desde o início pelo Prof. Ricardo Freitas, exemplo sobre o qual discorreremos posteriormente, na análise dos componentes.

coordenador local e do diretor esconderem algo da C. Geral. Isso acabava contaminando muito a possibilidade de supervisão pedagógica. No entanto, com a maior parte dos coordenadores de artes (que, diga-se de passagem, a não ser por um deles, não tinham graduação em nenhuma área artística, e dois apenas tinham mestrado relacionado às artes) – tinha um diálogo franco, relatando a ocorrência de irregularidades.

Foi aprovado, regimentalmente, no segundo ano, para o curso de artes, que se pudesse dar uma aula de manhã e uma parte prática pela tarde, argumentando que em artes visuais isso era não apenas possível, mas muitas vezes necessário. A exemplo de Cerâmica, dança, música. Áreas que demandam e podem contemplar muitas horas de atividades diversas, sem esgotar o alunado. Nesse sentido, foram, com a perseverança dos coordenadores, contatados e colocados professores reconhecidos, da UFBA, da UFMG, da UFRJ. É mais fácil trazer alguém do Rio quando se está em Teixeira do que de Salvador, por exemplo. O mercado de trabalho para mestres e recém doutores ainda é muito escasso. E o salário inicial deles incita a sair para outras plagas.

O currículo, conforme já levantado antes, vem daquele criado para o PROESP. No projeto político pedagógico, tanto os objetivos quanto a definição das habilidades e competências eram muito limitadas. Isso se dá devido à insistência da então coordenação da Rede UNEB 2000 em manter muitas dos componentes iniciais do currículo como se encontravam a partir do de Pedagogia, sob a alegação de que mudanças e componentes específicos atrasariam os processos de reconhecimento no CEE. Alguns embates ocorreram. E ao final o curso foi encaminhado para o CEE da Bahia como a coordenação antiga achava por bem encaminhar.

O que esse currículo traz de benefício e de inovação está vinculado aos componentes mais livres de seminários, oficinas e estágio, bem como pelo fato de se haver conseguido bons docentes para os componentes LAV (Laboratórios de Artes Visuais), que incluíam pintura, desenho, fotografia, escultura e introdução ao uso de tecnologias digitais nas artes visuais (uso de programas, reconhecimento de materiais da internet, uso de ferramentas tais como desenhos básicos e aplicativos ligados a fotos).

Buscou-se proporcionar ao professor aluno, normalmente oriundo de cursos de Magistério, uma experiência prática mínima no campo artístico concreto com os materiais e ferramentas. Incrementar a possibilidade das oficinas interdisciplinares e posteriormente de Criação introduzem a via da escolha, já que tanto uma quanto a outra demandam que o aluno seja ativo e defina o que precisa. A partir daí, se chamava o docente. Na prática, muitas

oficinas foram repetidas em vários campi. Em parte pela falta de docentes; em parte pela boa qualidade das propostas de oficinas e de seminários e dos docentes.

Tomemos o componente curricular intitulado Oficinas Interdisciplinares, proposto para todas as licenciaturas desde 2000. Ele tem um caráter semelhante ao do componente curricular proposto atualmente no BI de Artes, nas Oficinas de Criação. São formas de lidar com a insuficiência... Sendo, no entanto mais livre, e incluindo, no processo do semestre, por definição, um trabalho conjunto com toda a comunidade de alunos do professor-aluno, a partir das escolas dos professores em cada sala de aula deles. No seu formato mais bem realizado, as Oficinas começam no início do semestre, discutindo-se dentro do mesmo que assunto ou temática pode ser tratada. E isso significa liberdade de escolha e de discussão. Muitas vezes, já há projetos prontos e já aplicados que interessam aos professores alunos. De todo modo, a Oficina é um projeto proposto a partir de uma demanda da turma, realizado muitas vezes com professores contratados externamente, de outras universidades, por um período determinado. Esse professor orienta subprojetos de equipes de alunos a serem realizados nas suas escolas de origem, a partir do tema central. Acompanha modularmente ou durante encontros combinados a preparação logística, pedagógica e imagética desses projetos. No dia combinado, acontece um evento especial na escola, com a culminância de todas os sub projetos práticos dos alunos, escola que deve ser contemplada na turma ou nas turmas escolhidas. É uma fuga da rotina da escola, é uma inovação e uma oxigenação para os professores que não estão no curso, por demandar necessariamente articulações administrativas e negociações acadêmicas com as escolas que vão sediar a oficina. No dia, cada equipe de professores alunos realiza sua proposição de atividade, ou finaliza atividades propostas e concretizadas durante aquele semestre. E o professor orientador estará presente, ou outro professor ou o coordenador local, quando as oficinas acontecem simultaneamente em mais de uma cidade. E isso já está acontecendo na UNEB desde 2000, pelo interior do Estado, com a participação das comunidades das localidades, financiado inicialmente pelas prefeituras no programa Rede UNEB 2000 e pelo governo do Estado e Federal atualmente.

A nota das Oficinas Interdisciplinares é dada a partir da participação nos trabalhos e ações dos alunos dentro de suas salas durante o semestre e no dia de culminância. O docente pode eventualmente visitar as escolas e avaliar o que está sendo feito do que tinha sido proposto. Pode-se pensar nesse componente como promovendo uma atividade de extensão³⁶, só que em formato de componente curricular; com culminância em um dia específico, em

³⁶Como leva também um caráter extensionista, também aplicado na UFBA, através dos programas de Extensão pelo Estado, idealizados pelo professor Sergio Farias e equipe, na gestão de Filipe Serpa, e adotados pela Pro - reitoria de Extensão da UFBA durante anos.

escola aberta para toda a comunidade ver e participar, especialmente os pais e amigos da escola. Uma solução para tratar a extensão e articulá-la num lugar em que não há possibilidades de oferecer cursos de extensão, por exemplo.

O componente curricular de Seminários Temáticos é igualmente escolhido pelos alunos em início de semestre, ou proposto a partir de algum projeto já realizado em outro pólo e ministrado no pólo demandante. A diferença é que esse componente funciona como uma aula com dinâmicas, ou palestras sobre conteúdos importantes. Pode também eventualmente contemplar mestres da comunidade, que falarão sobre um saber que lhes seja próprio. Normalmente, no entanto, essa atividade tem se transformado num lugar de palestra ou de “aula magna”, com bastante dinâmica e formas de interação com a platéia, para que não se torne esgotante. Normalmente também os seminários são abertos à comunidade acadêmica e também à comunidade externa, sendo suficiente que o aluno assine a lista de frequência. Pode-se argumentar que não há como garantir aproveitamento nesse caso. Mas então se volta à questão já tratada acima, que é a da motivação pessoal. O controle terá que ser forçosamente intrínseco ao sujeito aprendiz. E essa realidade é cada vez mais dominante em todos os âmbitos educacionais.



Estrada de Boa Vista do Tupim para Iaçú, Bahia. Viagem de Estágio. Foto Prof. Ricardo Freitas

O Estágio Supervisionado no caso desse currículo teve por característica principal uma percepção da autonomia dos sujeitos e de suas perguntas e angústias; e uma visão como uma atividade, um projeto a ser realizado. Delimitando em equipes, normalmente quando havia professores alunos da mesma escola, ou cidade, o que tornava a junção mais fácil. Ainda aparece sempre a postura dos professores alunos de certa reverência ao professor supervisor

de estágio. Mas, ao contrário de outras situações, em que o supervisionado busca esconder os problemas, o fato de ter começado com as perguntas e motivações artísticas e suas lacunas encaminhou a tonalidade desses estágios para um diálogo, mais além das avaliações. Nesse sentido, e por durar três semestres, em consonância com o componente de Fundamentos, que foi dado praticamente pelo mesmo docente de estágio, a discussão teórica pôde ser feita no campo dos problemas mais concretos dos alunos. Isso, aliado ao fato das ocorrências criativas de oficinas, trabalhos em equipe, produtos inusitados artísticos, e a progressiva aplicação, em seus próprios grupos de alunos, de novas metodologias e repertórios, vai determinando e desenhando o lugar por onde as mudanças pessoais e profissionais passaram. Vejamos o relatório da segunda visita do professor Ricardo ao estágio, nesse caso em João Amaro, Bahia.

Aluna X³⁷, Escola Y, João Amaro.

De Tupim, partimos para Iaçú pela estrada de terra que permite uma economia de quase 80 quilômetros. Há uma bifurcação sem placa. Não há casas habitadas nem pessoas nas proximidades para que possamos perguntar se estamos no caminho certo. Logo, entendo que nos perdemos. Não há como retornar, pois há o perigo de nos perdermos mais e mais. Seu Ari, o motorista, diz que foi uma caipora que passou a mão “nas vista” (dele, sic.). Por isso, nos perdemos – segundo ele.

Por fim, vemos a ponte, atravessamos o rio Paraguaçu (agora, mais cheio, já que está chovendo no sertão) e chegamos em Iaçú, João Amaro.

A chuva, aliás, marcou essa segunda visita ao sertão. Há localidades mais verdes, menos áridas. Os rios ainda são como estradas secas. Os açudes ainda estão na terra rachada. Mas, parece que isso pode mudar em algumas semanas. O rio Paraguaçu é bonito nesse trecho. Sua água tem cor de coca-cola e é transparente. Cheio, fica ainda mais bonito.

O calor é muito. João Amaro está deserta. Visitamos a turma de X, que fará uma colagem com imagens retiradas de revistas trazidas por ela. A ideia é que se auto-representem – se reconheçam ou reconheçam imagens com as quais se auto-representariam.

A turma é meio agitada, mas X conduz bem a atividade. Há pouquíssimos alunos. Esse é o primeiro dia após uma semana de avaliações. Com isso, poucos alunos comparecem. Ainda assim, o encontro é positivo.

Observam-se aí muitos elementos. O professor³⁸ (supervisor de Estágio de Salvador) constrói o entorno, com cores, movimentos e fornece uma cenografia do ambiente. Relata um tipo de atividade que é extremamente replicada pelos professores alunos e que foi trabalhada num dos seminários do primeiro ano na turma de Salvador. A atividade de buscar se representar através de outras imagens. Não sendo esse ensaio um lugar de detalhar essa análise, é de se notar, no entanto, a importância e a presença massiva desse tipo de atividade

³⁷ O nome da aluna foi omitido, o da Escola também.

³⁸ Professor Ricardo Freitas, graduado em Artes Visuais, com mestrado e Doutorado em Comunicação com tese em blogs comunitários, UFRJ.

no contexto do professor aluno que inicia sua atividade em artes em variadas fotos de registro. E de reconhecer que o trabalho de ampliação do sujeito e de construção de sua identidade se enriquece com estímulos e recursos dantes relegados à brincadeira, no sentido pejorativo. Mas que o fazer artístico recupera. E que essa vivência vai sendo transformada e transportada para mais pessoas. São as sensibilidades brotando, aos poucos, como o verde brota da terra em chuva e como engrossa um rio que corre quando lhe alimentam.

Dessa forma, os Seminários, assim como as Oficinas e os Estágios, são janelas de quebra da estrutura formal de provas escritas que não avaliam o que é preciso, oxigenadores de práticas extraordinárias dentro do contexto escolar, reinventando o fazer do professor, e criando oportunidades para que aprendizados cooperativos ocorram. Evidenciando outros tipos de competência a serem valorizadas e visibilizadas, funcionando como comprovação e criando exemplos para realização de atividades outras que não as formais antigas, que ainda constroem, pelo hábito e falta de alternativas de formação, de material ou de instalação, o imaginário dos professores dentro de várias regiões.

III UM TREM DE LUZES

Mas o que tudo isso tem a ver com gestão cultural? Pois que esse ensaio tem o fito inicial de requisito parcial para a aprovação em uma especialização em Gestão Cultural³⁹. Para responder a esta pergunta, me permito trocar da terceira pessoa do singular, para a primeira. Afinal, são muitos os que nos habitam, e a cada experiência e descoberta individual, corresponde um novo sujeito do conhecer. E é esse novo sujeito, que se surpreende e se desconhece, construído no percurso desse aprendizado de curso, que permitiu pensar uma experiência, que fala agora aqui, na primeira pessoa. Foi o que me perguntei, apesar da importância de sistematizar um pouco do que é essa vivência. E compreendi aquilo que talvez seja o meu eixo principal nesse curso, meu principal aprendizado; desde o primeiro módulo, e que começou quando fiz a tarefa indicada pelo prof. Albino Rubim.

A meu ver, a principal fragilidade da comunidade artística – seja ela de gestores culturais, de formadores, de mestres populares, de artistas ou de produtores, em termos políticos e reivindicatórios, é o fato da comunidade artística se mostrar separada em pelo

³⁹ CURSO DE FORMAÇÃO DE GESTORES CULTURAIS DOS ESTADOS DO NORDESTE, realização em parceria - UFBA, IHAC-UFBA, MINC e Fundação Joaquim Nabuco.

menos dois territórios simbólicos, estrategicamente criados, durante décadas de ações políticas e por vaidades pessoais, por questões de visibilização e de verbas; a área da arte dita profissional, ou substantiva, sobre o fazer artístico, e a área de arte popular, que é a dos brincantes, praticantes considerados mais ou menos eventuais no tempo cotidiano de ações artísticas mantidas numa tradição.

Compreendo muito bem que o abismo entre esses dois tipos de artistas é mais oriundo do pensamento colonizador em nossa formação e em nossas mentes do que propriamente da qualidade ou da competência técnica de qualquer um dos lados. E nesse caso do Curso de Artes Visuais, o agravante era que não estava entre profissionais instituídos e brincantes. A questão era entre professores e professores. Dentro da área de formação em artes ou mesmo em Pedagogia, fui e sou uma ferrenha defensora de que ensina quem sabe. Trocado em miúdos, ensina artes quem sabe. Nisso sempre fui uma radical. Separo os pedagogos dos artistas e tributo a estes últimos a primazia de formar na área. E arte, ela deve ser trabalhada por quem sabe, ou seja, o artista. Muito bem, isso é verdade; e será muito inovador quando os professores de artes dentro das escolas puderem ser aqueles artistas que gostam de ensinar. Mas – e isso é que é surpreendente – ao escrever esse ensaio- sobre uma experiência sobre a qual nem mesmo a bibliografia do curso se debruça, a uma primeira vista –percebi o quanto de beleza e de artes os coletivos de alunos “sem qualidades” – que não entendiam, não percebiam o que se trazia de conteúdo, que teimavam, resistiam a trabalhar durante mais tempo do que o horário estabelecido, que brigavam e reclamavam quando tinham que empreender um trabalho que não fosse burocrático⁴⁰ – cresceram como pessoas – e mais além – produziram obras de qualidade estética. Diz BOTELHO: “*Grande parte das práticas culturais individuais, muitas vezes a maioria delas, não estão ligadas a gostos, mas a circunstâncias*”. E ainda: “*há práticas mais ou menos obrigatórias (escola, profissão, família, amizades etc.); há práticas rotineiras e que não envolvem grande entusiasmo*”⁴¹.

Lendo, isso, há duas ponderações importantes a fazer, sobre os alunos e alunas da PARFOR de Artes Visuais; a primeira delas é de que, via de regra, as pessoas não percebem como culturais ou dignas de sentido ou beleza as práticas que elas mesmas fazem e não compreendem como coisas fora do seu dia a dia, não as consideram extraordinárias. E um dos traços das artes é o seu caráter de extraordinário. Assim que, inicialmente, as aulas do curso de artes foram percebidas como aquilo que é mais comum na vida de um professor:

⁴⁰Como foi o mural proposto pela profa. Giovana Dantas, numa escola dentro de uma comunidade ameaçada pelo tráfico em Sussuarana. Ver o vídeo em:

<http://www.webtv.uneb.br/?s=Parfor+de+Artes+isa+trigo&button.x=0&button.y=0&button=Buscar>

⁴¹BOTELHO, 2005,7

obrigação, encargo, possibilidade de ascensão profissional e pessoal... E, depois, ao decodificar esses conjuntos de atitudes como tais, esse grupo aplicou, de início, à situação, os mesmos vícios e atitudes que aplicaria a qualquer aprendizado de fora para dentro; reclamavam do horário, não queriam se deslocar, quando por acaso o coordenador conseguia um ateliê fora do espaço restrito da universidade; reclamavam se tinham que esperar mais um pouco até secar uma massa para completar um mosaico. O que significava isso? Não percebendo inicialmente o tipo de mudança de atitude necessária frente a uma nova aprendizagem, os alunos reagiam com velhos esquemas adaptativos e não percebiam como esse fazer enlaçava aquilo que, neles, também não era valorizado, ou seja, sua própria cultura, invisível para eles. Suas escolhas temáticas, seu labor e trabalho em conjunto, os obstáculos surgidos e transpostos no caminho foram criando situações nas quais o extraordinário surgia, e por isso o que era cotidiano dantes, começou a ser percebido com valor.

Como diz BIÃO, *Repetir ações é ensaiá-las para a próxima e eminente performance do dia, até que um incidente inesperado provoque um conflito e, com isso, rompa-se o fluxo da ação cotidiana*⁴². E eu diria mais: até que se rompa o fluxo da invisibilidade da ação cotidiana para quem a pratica.

Ao perceber o diferente, como aponta a Etnocenologia, temos aí o advento do espetacular, ou da espetacularidade. Que nada mais é do que o momento em que o sujeito, refletindo sobre si mesmo num estado diverso do estado psicofísico cotidiano, compreende a si mesmo de outro modo e muda⁴³. Ou seja: o que é rotineiro, não percebido como extraordinário ou prazeroso, tende a ser despercebido ou compreendido em esquemas de ação e de atitudes já instalados. A aprendizagem de si – e obviamente das mudanças que um curso como o da PARFOR de Artes traz para a consciência de si enquanto sujeito da cultura - passa pelo estranhamento e *reconhecimento* de atividades que, dantes cotidianas, a partir da formação em artes, são atravessadas por outra compreensão de vida e de cultura. Daí a importância de analisar essa experiência, eminentemente de formação, mas que obriga os sujeitos nela envolvidos a se desconhecem e a se *re-perceberem*. Nesse roldão, como diz ainda BOTELHO,

(...) as artes, em suas diversas manifestações, criam riqueza e trabalho e **permeiam muitas áreas de nossa vida. E como são expressões da criatividade humana, têm como resultado processos de identificação em nível tanto pessoal, como comunitário e nacional**, e são fonte de entretenimento, de crescimento espiritual e

⁴² BIÃO, 2009, 125.

⁴³Esse vídeo retrata bem a mudança que ocorre no aluno. No minuto 2min13 a 2min43.
<http://www.webtv.uneb.br/?p=1793>

entendimento internacional. (...) **a criatividade é esteio da criação artística** e que na verdade, até aqui, os termos beiram a mera instrumentalização das artes.(negritos meus)

Assim, ao lidar com artes, em coletividade, visando um aprimoramento pessoal e coletivo rumo a um bem comum, que é o de qualificação para o ensino posterior de crianças e jovens, lida-se com um enorme motivador social – qual seja, o da qualificação visando o bem comum maior – que é o principal motor de um docente, colocando-o *dentro de um trem de luzes*. Um ambiente que se move e ilumina. E com o qual o sujeito se identifica.

E que trem de luzes é esse? Esse trem é o ambiente de criação nas artes. As práticas artísticas. A fruição de obras e de processos. A experimentação de técnicas e de materiais normalmente “privativos” das “artes”, conduzida e orientada por professores que são artistas, na sua grande parte. A discussão dos processos de mudança e de percepção educacionais e artísticas a partir da mirada das artes, e não apenas da Pedagogia. Ou seja: qualificar para a educação na imersão dos procedimentos, processos, forma de agir, materiais e resultados do campo das artes visuais. Uma vivência muito diferente da do magistério tradicional, atravessada por descontroles e estruturas flexíveis de avaliação, referendadas institucionalmente.

Inegavelmente, é mais provável uma mudança de atitudes em alguém que, associado ao fato de ser professor, experimenta três meses de oficina de cerâmica, ao invés de assistir palestras expositivas; realizando, ao final, um mural artístico no mesmo Departamento em que, de início, eles não eram sequer reconhecidos como iguais pelos seus colegas das licenciaturas permanentes. A arte aqui, ou a sua ambiência, atravessada pela formação, funciona como um trem de luzes, dentro do qual são processados e iluminados os motivadores usuais do professor sob uma nova ótica. Nesse momento, como diria a TV, desfaz-se a conexão antiga e aprisionadora, e o sujeito passa a se “*transver*”, como inventa Manoel de Barros. Reconfiguram-se as esperanças, e com elas o agir do professor; pois a compreensão e o entendimento de novas práticas e possibilidades de intervir nas suas próprias salas de aula transformam-se num dado concreto e operativo que é consolidado no estágio supervisionado, no qual essas práticas são revistas à luz de docentes com vivência em artes e em formação.

Os que saíram dessas turmas relatam⁴⁴ terem saído transformados. Abaixo, algumas fotos de componentes curriculares com pintura (capa) e com cerâmica. Após as exposições artísticas feitas pelos alunos da PARFOR, os próprios alunos dos outros cursos nos

⁴⁴ Relatos absolutamente informais e não sistematizados. Feitos oralmente a mim por dezenas e dezenas de alunos em diversos pólos pelos quais passei. Que iam desde relatos emocionados, a choros e agradecimentos.

procuravam – a mim e ao coordenador local, prof. Joceval Bitencourt, para perguntar como fariam para “entrar nesse curso de artes daqui do DEDC I”⁴⁵.



Componente curricular Laboratório de Artes Visuais – LAV – de Cerâmica, com o prof. Eriel de Araújo Santos, então coordenador do Mestrado em Artes Visuais da UFBA. Novembro de 2012. Alunos trabalham nas oficinas da Escola de Belas Artes da UFBA, no Canela. Onde foram confeccionadas e queimadas as peças. Foto Joceval Bitencourt

Processos como esses mudaram todos. Aos alunos, a mim, ao Coordenador Local. E aí, me deparando com esse produto, esse processo, onde ninguém entre os alunos era artista, mas que, em coletivo e orientados, produziram arte de qualidade e beleza – redescubro algo que esteve sempre sob o nosso olhar. Afinal, as pirâmides tinham arquitetos que não eram autores únicos. As grades que Carybé desenhou para o MAM foram realizadas por inúmeros ferreiros. E o mural de cerâmica do DEDC I, em que cada peça tem uma incrível simplicidade de desenho – qualquer um poderia realizar uma delas – juntas, formaram um mural lindo dentro do Campus I e provavelmente a única produção artística coletiva dentro da UNEB toda; e feita por alunos “sem qualidades”.

Ninguém é autor único, e a autoria nesse caso passa por um processo que as zonas de desenvolvimento proximal de Vygotsky podem colaborar mais na compreensão do que ocorre na convivência continuada dos alunos expostos a diversas estimulações e professores de arte com experiência profissional. A possibilidade de trabalhar coletivamente sem censuras e julgamentos, a valorização do que é feito e do resultado conjunto, produziu mudanças na percepção de todos e de cada um; e reverteu a ferida de serem “alunos de segunda classe”,

⁴⁵Várias alunas do curso permanente de Pedagogia me abordaram em 2012 para me perguntar isso, quando da primeira exposição de trabalhos de artes da PARFOR.

reorganizou o que eles valoraram como competência. O fato de suas produções serem divulgadas nos espaços da UNEB e, fora da sua própria turma, os tornou conhecidos e respeitados pelos seus eventos e produtos, em praticamente todos os polos.

José Marcio de Barros diz que sem Cultura não se sai de casa, porque a Cultura é a identidade da gente⁴⁶. Para esses alunos, para quem a arte era inicialmente uma coisa distante e fora do seu horizonte de intervenção, poder experimentar ambientes, excursões e materiais deu a eles outro sentido como educadores, assumindo a criação como uma possibilidade pedagógica intrínseca ao sujeito comum, no âmbito da cooperatividade e do aprendizado com outras pessoas, processo que se estendeu para o dia a dia e para a reconstrução da imagem de si mesmos a seus saberes, à sua capacidade como docentes.

Esses alunos foram orientados por professores excelentes; muitos deles artistas. Buscaram-se aqueles que fossem artistas professores⁴⁷. Nesse sentido, esses alunos tiveram contato com o que talvez seja, em vários casos, o ápice artístico e acadêmico das artes visuais e do vídeo, dos campos artísticos, videográficos e tecnológicos, em várias ocasiões⁴⁸. E no caso dos coordenadores, há que se reconhecer também o empenho, criatividade e realização da grande maioria. Coordenadores com graduação em Letras, Filosofia, Pedagogia, e apenas dois da área de artes, provaram que mais importante para a formação em artes é reconhecer e amar o conhecimento e os seus alunos, seus processos e resultados. Nesse sentido, os coordenadores, inicialmente com o padrão de procedimentos de suas áreas, talvez contaminados pela beleza e processos de mudança empreendidos pelos alunos, assumiram atitudes de franca defesa, mais além do esperado costumeiro, das ações dos seus alunos e do curso.

Coordenadores que tiravam dos seus bolsos para completar algo que faltava, isso tivemos na PARFOR. Sobre alunos, nem se fala. Se os recursos tardavam, ou a burocracia impedia, os alunos e coordenadores se cotizavam e faziam acontecer as atividades⁴⁹. Com o tempo, houve um aumento de confiança na Coordenação Geral de Curso por parte dos coordenadores locais e dos diretores. Procedimentos que eram: informar tudo que julgasse relevante, fosse isso considerado sigiloso ou não; buscar entender as falhas dos meus coordenadores e juntos tentarmos resolver antes de tratar com a coordenação geral; dar a

⁴⁶ Ouvido em aula presencial e também encontrado em vídeos das conferências do pesquisador.

⁴⁷ A quantidade de emails e de esforços para conseguir bons professores daria para fazer uma lista telefônica fina. Os coordenadores locais têm orgulho das disciplinas que fizeram acontecer.

⁴⁸ Professores como Ricardo Freitas, Rosely Amado, Giovana Dantas, Danilo Barata, Ivan Bastos (Grupo Garagem), Mauricio Pedrosa, Ana Beatriz Simon Factum, Mariela Brazón, Eriel e muitos e muitos mais.

⁴⁹ O que é uma pena. Porque dinheiro havia, mas não foi gasto muitas vezes por falta de informação de uma direção ou por demora no empenho ou licitação.

conhecer e divulgar, seja sob a forma de e-mails ou nos relatórios enviados à CAPES as realizações dos pólos; estar presente, sempre que possível, nas realizações dos cursos⁵⁰. Essas atitudes, somadas à experiência dos componentes, colaboraram no sentido de instituir, no território dessa experiência curricular, uma ambiência de experiência extraordinária. Conforme já dito acima, é no extraordinário que as atitudes usuais podem ser percebidas e mudadas com mais facilidade. E as atitudes extraordinárias partiram também dos coordenadores e dos docentes.

Em suma, temos aqui um acontecimento que comporta uma ferida e maus-tratos, ao lado de ações extraordinárias de beleza e de mudanças importantes para as pessoas envolvidas. Uma espécie de epopeia despercebida. Na qual há deserções e baixas, pelos descumprimentos de compromissos nas prefeituras, escassez de professores para regiões longínquas, aliados a um processo de descortinamento de modos de ver, aprender, ensinar e ser nas artes, e de dedicação por parte de todos os envolvidos. A combinação da ferida narcísica⁵¹ constituída pela falta de tantas coisas... o que gera a capacidade de *dar nó em pingo d'agua*, traz também um *trem de luzes*; é quando, de dentro de um túnel estreito, o sujeito vislumbra a possibilidade de ser condutor de seus próprios processos criativos no sentido de mudar suas práticas educativas de modo profundo e significativo. Para ele, e para a sua comunidade de referência.

⁵⁰ Esta parte foi muito prejudicada, em 2012, pela C. Central de então, que dificultava a compra de passagens para as viagens de artes, sob os mais diversos argumentos; e depois, em 2013, pela campanha para eleição de Reitor. Como praticamente todos os coordenadores gerais eram ativos na campanha do candidato da oposição, fomos literalmente impedidos de viajar durante o ano inteiro para qualquer cidade do interior, por portaria do Reitor, proposta pelo pró-reitor nomeado, o prof. Antonio Amorim.

⁵¹ A expressão “ferida narcísica” advém do campo da Psicanálise. Grosso modo, trata-se daquilo que pode ser vivido pelo sujeito como uma diminuição ou um desprezo ao seu modo de ser como indivíduo, ou algo feito que lhe infrinja sofrimento com a sensação de injustiça com pouca possibilidade de reparação. O que pode ser da ordem do imaginário ou de fato corresponder a uma ofensa ou mágoa real, como é o caso de uma traição amorosa, ou um detrato, ou um desprezo generalizado ou preconceito a um aluno visto como menos capaz ou ingresso por vias mais facilitadas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS-IMPRESSOS

1. BIÃO, Armindo. Estética performática e cotidiano. IN: **Etnocenologia e a cena baiana: textos reunidos**. Salvador, P&A Gráfica e Editora. 2009, Pps.123-139.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS / DIGITAIS

2. BARROS, José Marcio de, in: **Velhas e novas questões sobre a Cultura e a identidade**; em 19 de junho de 2014, in:
https://drive.google.com/?usp=folder&authuser=0#folders/0B5JOO_GwvSI1SmlITWhqemV0Uk0
3. Bienal da Bahia 2014, em 20/06/2014, in:
<http://bienaldabahia2014.com.br/wp/blog/category/canal-tropical-videos/>
4. BOTELHO, Isaura. Criatividade em pauta: alguns elementos para reflexão. In: **Plano da Secretaria de Economia Criativa**, MINC. Datado no documento digital como de 29/09/2011. Pgs 80-85.
5. BOTELHO, Isaura. O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo. Relatório da primeira etapa da pesquisa. São Paulo. Centro de Estudos da Metrópole, CEBRAP. Abril 2005. In:
https://drive.google.com/?tab=mo&authuser=0#folders/0B5JOO_GwvSI1dVNmR2wwN2YwV00
6. LUBAMBO, Cátia. Aulas 1, 2 e 3 revisadas. In:
https://drive.google.com/?tab=mo&authuser=0#folders/0B5JOO_GwvSI1eFdJd0p3M29rQjg
7. SANTOS, Adalberto. Tradições populares e resistências culturais: Políticas Públicas em Perspectivas comparadas (Tese); em 19/06/2014, in: https://drive.google.com/?usp=folder&authuser=0#folders/0B5JOO_GwvSI1dFA0YjR0ZUZfdk0
8. WILLIANS, Raymond. **A Cultura é de todos** (Culture is ordinary) Tradução Maria Elisa Cevasco, Departamento de Letras, USP. 1958. https://drive.google.com/?tab=mo&authuser=0#folders/0B5JOO_GwvSI1dVNmR2wwN2YwV00
9. <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/04/o-sistema-educacional-nao-funciona-mais-diz-michel-maffesoli-4473443.html>

DOCUMENTOS DIGITAIS INSTITUCIONAIS

1. Regimento Geral da UNEB <http://www.uneb.br/files/2009/10/REGIMENTO-GERAL-DA-UNEB-2012.pdf>
2. <http://www.uneb.br/parfor/documentos-academicos/>
3. <http://www.uneb.br/plataformafreire/files/2010/03/ORIENTACOES-DE-ESTAGIO-NO-PARFOR.pdf>
4. Video sobre Oficina interdisciplinar em Mussurunga:
<http://www.webtv.uneb.br/?p=1793>

ANEXOS

ANEXO N.1 – 1ª Chamada Pública com correções

ANEXO N.2 – Módulo I – Guanambi

ANEXO N.3 – Questionário Coordenadora Local de Barreiras, Profa. Ms. Vera Nunes

ANEXO N. 4 - Fluxograma Curso Artes Visuais

ANEXO N.1 – 1ª Chamada Pública com correções

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO
PROGRAMA PLATAFORMA FREIRE

CHAMADA PÚBLICA Nº 001/2010 – PARFOR

A Pró-reitoria de Ensino de Graduação convida para cadastramento os professores dos Departamentos/Pólos indicados no ANEXO I dessa chamada, os professores de outros Departamentos da Uneb e professores vinculados a outras instituições de Ensino Superior interessados em atuar nos cursos presenciais do “Programa de Formação Inicial de Professores da Educação Básica”, objeto do convênio celebrado entre MEC/CAPES/FNDE e a UNEB.

1 - DAS CONDIÇÕES BÁSICAS E REMUNERAÇÃO

1.1- O professor selecionado será cadastrado no sistema da CAPES, de acordo com a RESOLUÇÃO/FNDE/Nº 13/10 e com as condições e remuneração descritas a seguir:

Professor-pesquisador I	-Ter no mínimo, três anos de experiência no Magistério Superior. -Bolsa mensal no valor de R\$ 1.300,00 (hum mil e trezentos reais).
O Professor-pesquisador II	-Ter no mínimo um ano de experiência no Magistério Superior. - Bolsa mensal de R\$ 1.100,00 (hum mil e cem reais);

1.2 - O professor selecionado para o componente curricular assumirá o compromisso de:

a)	Ministrar a carga horária total do componente curricular, para uma turma de até 50 professores-alunos;
b)	Elaborar o plano de curso e entregar à Coordenação até uma semana antes do início do primeiro módulo do seu componente curricular;
c)	Elaborar, aplicar e corrigir as atividades, as avaliações e os estudos complementares fornecendo o <i>feedback</i> dos resultados aos professores-alunos no decorrer do componente curricular,
d)	Preencher os diários de classe; participar das reuniões, seminários e outras atividades programadas, quando convocado;
e)	elaborar as atividades complementares orientadas antes do término do componente curricular ministrado, desde que requisitados, e no período estabelecido, proceder à devida correção;
f)	encaminhar os resultados à coordenação do curso e devolvê-las aos professores-alunos.
	Relatório de componente curricular, oficina articular (escrever redação)

1.3 - O professor-pesquisador cadastrado ao ser selecionado para um componente curricular receberá bolsas mensais não cumulativas. Ao professor é opcional ministrar o mesmo componente curricular, simultaneamente, em turmas diferentes dos cursos do PARFOR dentro das condições abaixo:

RELAÇÃO ENTRE NÚMERO DE COMPONENTES/PERÍODO DE REALIZAÇÃO E NÚMERO DE BOLSAS

Número de componentes	Carga Horária	Carga Horária Total	Componente(s) ministrado(s) isoladamente ou concomitantes	Número de bolsas	Período de recebimento
1	60	60	Isolado	4	4 meses
1	75	75	Isolado	5	5 meses

1	90	90	Isolado	6	6 meses
2	60	120	Concomitantes	6	6 meses
	60				
2	60	135	Concomitantes	7	7 meses
	75				
2	75	150	Concomitantes	8	8 meses
	75				

1.4- A bolsa será concedida pela CAPES/MEC e o pagamento pelo FNDE diretamente ao bolsista, por meio de crédito em conta benefício em agência do Banco do Brasil S/A;

1.5- O Professor-pesquisador selecionado será convocado e orientado em relação aos procedimentos acadêmicos e administrativos;

1.6- A UNEB não assume a responsabilidade de despesas com deslocamento, hospedagem e alimentação do Professor-pesquisador selecionado.

2. DO CADASTRAMENTO

2.1.- O professor poderá cadastrar-se em até dois componentes curriculares por curso; **(DURANTE TODO O PERÍODO DO CURSO?) OU APENAS NESTA CHAMADA? PORQUE SE FOR NO ANO TODO, PODEREMOS PREJUDICAR UM DOCENTE QUE PODERIA MINISTRAR MELHOR UM OUTRO COMPONENTE.**

2.2- Para o componente Estágio Curricular do Curso de Pedagogia serão selecionados dois professores para as turmas compostas por no mínimo 30 alunos. Para as turmas com menos de 30 alunos será selecionado um único professor;

2.3 - O cadastramento será por tempo indeterminado a ser realizado exclusivamente pela internet no endereço www.selecao.uneb.br/plataformafreire;

2.4- Após o cadastramento on-line o candidato deverá aguardar o contato do Coordenador Local e após a confirmação da seleção deverá entregar no(s) Departamento(s)/Pólo(s) ou enviar através de SEDEX, aos cuidados do referido Coordenador Local do Curso, os seguintes documentos:

2.4.1 - Declaração de compatibilidade de carga horária com o “ciente” e a assinatura do Diretor de Departamento **OU DA INSTITUIÇÃO EM QUE LECIONA** (ANEXO III);

2.4.2 - Currículo com cópias da comprovação da docência universitária;

2.4.3 - Cópia do Diploma e Histórico Escolar da Graduação e Certificado ou Declaração que comprove a obtenção do Título da Pós-Graduação, devidamente autenticados em Cartório;

OBS - A apresentação desses documentos no original com as cópias, dispensa autenticação em cartório, devendo ser conferidos pelo servidor responsável pela sua recepção;

2.4.4 - Documentos pessoais: Carteira de Identidade, CPF, comprovante de residência.

OBS.: Uma vez cadastrados os professores comporão o banco de dados de candidatos a docentes dos Programas Especiais de Graduação na PROGRAD e poderão ser convocados de acordo com as demandas apresentadas pelos referidos Cursos nos Departamentos da UNEB, **NOS DIVERSOS PÓLOS E MUNICÍPIOS.**

3- DOS CRITÉRIOS DA SELEÇÃO:

3.1- A seleção do professor será realizada pela Coordenação do Curso e constituirá da análise do currículo e **DE** critérios estabelecidos, prioritariamente na seguinte ordem:

3.1.1 - Ter o curso de Graduação e Pós-Graduação, conforme ANEXO I;

3.1.2 - Pertencer e ter experiência docente de no mínimo um ano em instituição pública de ensino superior considerando os últimos dez anos;

considera-se então que alguém que já tenha dado aula MAS NÃO ESTÁ EM SALA AGORA – poderia dar aula? É o caso de uma docente em Guanambi

3.1.3 - Pertencer ao quadro docente do Departamento/Pólo onde o curso está sendo oferecido;

3.1.4 - Pertencer ao quadro docente de outro Departamento da UNEB ou Instituição Pública de ensino superior;

3.1.5 - Pertencer ao quadro docente de uma instituição privada de ensino superior.

3.2- Quando da seleção, em caso de mais de um professor cadastrado atender aos critérios na ordem acima, será selecionado aquele que:

3.2.1 - Possuir maior titulação

3.3.1 - comprovar maior tempo de experiência na docência universitária na área do componente curricular;

OBS Quando houver necessidade e de acordo com os critérios estabelecidos, o professor cadastrado poderá ser convidado para ministrar componente(s) curriculare(s) em outro pólo/curso, em outro curso/turma ou em outro pólo/curso/turma.

3.3 - A Coordenação do Curso elaborará a ata do processo seletivo (ANEXO IV) com identificação dos professores cadastrados por componente curricular, até aquela data, com descrição dos critérios utilizados e o resultado da seleção. A ata deverá ser assinada pela Coordenação do Curso, pela Direção de Departamento e arquivada na Secretaria dos Programas Especiais do Departamento.

ANEXO I DO EDITAL

CAMPUS/ DEPTO	LOCAL DO CURSO	CURSO	MODALIDADE
SALVADOR - DEDC I - Rua Silveira Martins, 2555, Cabula / 41150000 / (71) 3117-2318 / 2333 / 2499	Salvador	Artes	Modular
SALVADOR - DCV I - Rua Silveira Martins, 2555, Cabula / 41150000 / 71 31172289/ 2290	Salvador	C. Biológicas	Modular
		Ed. Física	Modular
SALVADOR - DCET I - Rua Silveira Martins, 2555, Cabula / 41150000 / 71 31172312/ 2308	Salvador	Matemática	Modular
ALAGOINHAS - DCET II – Rodovia Alagoinhas / Salvador, BR 110 km, 03 - 48000000 - (75)34222102/ 1139	Alagoinhas	C. Biológicas	Modular
		Matemática	Modular
ALAGOINHAS - DEDC II - CAMPUS II - Rodovia Alagoinhas/Salvador, BR 110 km, 03 - CEP: 48000000 - (75)34222102/ 1139/ 1536	Alagoinhas	Artes	Modular
		Ed. Física	Modular
		Geografia	Modular
		História	Modular
		Letras	Modular
		Pedagogia	Modular
	Inhambupe	Sociologia	Modular
		Letras	Semestral
	Sátiro Dias	Pedagogia	Semestral
		Pedagogia	Semestral
JUAZEIRO - DTCS III - Av. Dr. Chastinet Guimarães, S/n, São Geraldo / 48900000 - 74 36117248 / 7362	Juazeiro	C. Biológicas	Modular
		Ed. Física	Modular
		Matemática	Modular
JUAZEIRO - DCH - CAMPUS III - Av. Dr. Chastinet Guimarães, S/n, São Geraldo / 48900000 / 74 36115617 / 6860 / 6483	Juazeiro	Artes	Modular
		História	Modular
		Letras	Modular
		Pedagogia	Modular
	Curaçá	Pedagogia	Semestral
	Sento Sé	Letras	Semestral

		Pedagogia	Semestral
	Casa Nova	Letras	Semestral
		Pedagogia	Semestral

CAMPUS/ DEPTO	LOCAL DO CURSO	CURSO	MODALIDADE
JACOBINA - DCH IV - Av. J.J. Seabra,158, Bairro Estação / 44700000 / 74 36214618	Jacobina	C. Biológicas	Modular
		Ed. Física	Modular
		Geografia	Modular
		História	Modular
		Letras	Modular
		Matemática	Modular
		Pedagogia	Modular
	Ourolândia	Pedagogia	Semestral
	Serrolândia	Pedagogia	Semestral
	Umburanas	Pedagogia	Semestral
	Várzea do Poço	Pedagogia	Semestral
	Saúde	Pedagogia	Semestral
	Quixabeira	Pedagogia	Semestral
Várzea Nova	Pedagogia	Semestral	
Miguel Calmon	Pedagogia	Semestral	
SANTO ANTONIO DE JESUS - DCH V - Loteamento Jardim Bahia, S/n / 44570000 / 75 36312855 / 2740 / 2652	Santo Antonio de Jesus	Letras	Modular
		Pedagogia	Modular
	Castro Alves	Pedagogia	Semestral
	Salinas das Margaridas	Geografia	Semestral
		História	Semestral
		Letras	Semestral
CAETITÉ - DCH VI - Av. Contorno, S/n / 46400000 / 77 34542021	Caetité	C. Biológicas	Modular
		Matemática	Modular
SENHOR DO BONFIM - DEDC VII - Rodovia Lomanto Junior, BR 407, Km 127 / 48970000 / 74 35414013/3272/4071/3972	Senhor do Bonfim	Física	Modular
		Informática	Modular
		Letras	Modular
		Pedagogia	Modular
		Sociologia	Modular

	Pindobaçu	Pedagogia	Semestral
PAULO AFONSO - DEDC VIII - Rua da Gongorra, 503 / 48600000 / 75 32817364	Paulo Afonso	Sociologia	Modular

CAMPUS/ DEPTO	LOCAL DO CURSO	CURSO	MODALIDADE	
BARREIRAS - DCH IX - BR. 242, Km 04, Loteamento Flamengo / 47800000 / 77 3612-6744	Barreiras	Artes	Modular	
		C. Biológicas	Modular	
		Ed. Física	Modular	
		História	Modular	
		Letras	Modular	
		Pedagogia	Modular	
	Cristópolis	Sociologia	Modular	
		Letras	Semestral	
	Cotegipe	Pedagogia	Semestral	
		Letras	Semestral	
	TEIXEIRA DE FREITAS - DEDC X - Loteamento Jardim Caraípe, Av. SS, S/n / 45995000 / 73 32918455	Teixeira de Freitas	Artes	Modular
			C. Biológicas	Modular
Ed. Física			Modular	
Geografia			Modular	
Informática			Modular	
História			Modular	
Letras			Modular	
Matemática			Modular	
Pedagogia			Modular	
Química			Modular	
Sociologia		Modular		
Caravelas		Pedagogia	Semestral	
Itamaraju		Pedagogia	Semestral	
SERRINHA - DEDC XI - Rua Álvaro Augusto, S/n, Rodoviária / 48700000 / 75 32612168 / 2062	Serrinha	C. Biológicas	Modular	
		Ed. Física	Modular	
		Geografia	Modular	
		História	Modular	
		Letras	Modular	
		Matemática	Modular	

		Pedagogia	Modular
GUANAMBI - DEDC XII – Bairro Ipanema / 46430000 / 77 34517776	Guanambi	Artes	Modular
		Ed. Física	Modular
		Letras	Modular
		Pedagogia	Modular
	Palmas de Monte Alto	Letras	Semestral

CAMPUS/ DEPTO	LOCAL DO CURSO	CURSO	MODALIDADE
ITABERABA - DEDC XIII - Rua Doutor Orman Ribeiro dos Santos, s/n / 46880000 / 75 32511710	Itaberaba	C. Biológicas	Modular
		Ed. Física	Modular
		História	Modular
		Letras	Modular
		Matemática	Modular
		Pedagogia	Modular
	Iaçu	Pedagogia	Semestral
		Letras	Semestral
	Boa Vista do Tupim	Pedagogia	Semestral
	Nova Redenção	Pedagogia	Semestral
	Marcionilio Souza	Pedagogia	Semestral
	Andaraí	Pedagogia	Semestral
	Ipirá	Pedagogia	Semestral
Ruy Barbosa	Pedagogia	Semestral	
Bonito	Pedagogia	Semestral	
CONCEIÇÃO DO COITÉ - DEDC XIV - Av. Luis Eduardo Magalhães, 988, Jaqueira / 48730000 / 7532621077	Conceição do Coité	História	Modular
		Letras	Modular
		Pedagogia	Modular
	Queimadas	Pedagogia	Modular
	Valente	Pedagogia	Semestral
Santa Luz	Pedagogia	Semestral	
VALENÇA - DEDC XVI - Rua Cecília Meireles, s/n, Centro / 45400000 / 75 36410599	Valença	História	Modular
		Letras	Modular
		Pedagogia	Modular
	Camamu	Pedagogia	Semestral
Maraú	Pedagogia	Semestral	
IRECÊ - DCHT XVI -	Irecê	Artes	Modular

Rodovia BA052, Km 353 / 44900000 / 74 36413503/ 8108		Ed. Física	Modular
		Geografia	Modular
		História	Modular
		Matemática	Modular
	João Dourado	Pedagogia	Semestral
	Jussara	Pedagogia	Semestral
	Presidente Dutra	Pedagogia	Semestral
Barro Alto	Pedagogia	Semestral	

CAMPUS/ DEPTO	LOCAL DO CURSO	CURSO	MODALIDADE
BOM JESUS DA LAPA DCHT XVII - Av. Agenor Magalhães, s/n, Bairro Amaralina / 47600000 / 77)3481 5088 / 6159	Bom Jesus da Lapa	Letras	Modular
		Pedagogia	Modular
	Serra do Ramalho	Pedagogia	Semestral
EUNÁPOLIS - DCHT XVIII – Praça Centauro, 305, Centauro / 45820000 / 73 32614065	Eunápolis	Artes	Modular
		C. Biológicas	Modular
		Ed. Física	Modular
		Geografia	Modular
		História	Modular
		Letras	Modular
		Matemática	Modular
	Pedagogia	Modular	
Belmonte	Pedagogia	Semestral	
Itabela	Pedagogia	Semestral	
CAMAÇARI-DCHT XIX - Rod.BA 512, Km 1,5, Bairro S.Antonio/42800000/ 7136345340/5231	Camaçari	Informática	Modular
BRUMADO - DCHT XX - Av. Lindolfo Azevedo Brito, 1.170, Rodovia Brumado- Livramento, Km 001 / 46100000 / 77 3441-2387	Brumado	Letras	Modular
		Pedagogia	Modular
		Sociologia	Modular
IPIAÚ - DCHT XXI - Av. Getúlio Vargas, 769 – Centro / 45570000 / 73	Ipiaú	Artes	Modular
		Letras	Modular
		Pedagogia	Modular

35514855/3436	Ubatã	Pedagogia	Semestral
EUCLIDES DA CUNHA - DCHT XXII - Rua Enock Canário de Araújo, s/n, Jeremias / 48500000 / 75 32712346/2416	Euclides da Cunha	Ed. Física	Modular
		Pedagogia	Modular
	Quijingue	Pedagogia	Semestral
	Monte Santo	Pedagogia	Semestral
	Canudos	Pedagogia	Semestral
SEABRA - DCHT XXXIII – Rua Justiniano Costa, s/n, Boa Vista / 46900000 / 75 33312285/3623/9264	Seabra	Ed. Física	Modular
		Pedagogia	Modular
	Iraquara	Pedagogia	Modular
XIQUE-XIQUE/ DCHT XXIV - Rua Prof. Carlos Santos, 601, Zona do Hospital / 44700000 / 74 36611774/1710	Xique-xique	Geografia	Modular
		História	Modular
		Pedagogia	Modular

ANEXO II

CURSO	COMPONENTE CURRICULAR	CH	FORMAÇÃO ACADÊMICA
Licenciatura em Artes Visuais	História da Arte I	75	Graduação em Artes Visuais* ou em História com Pós-graduação em Artes (Cênicas, Visuais ou em História das Artes).
	Movimentos Corporais	60	Graduação em Dança, Teatro, Educação Física, com Pós-graduação em Artes Cênicas ou em áreas afins.
	Referenciais Teóricos - Metodológicos do Ensino da Arte	75	Graduação em Psicologia, Artes ou Pedagogia, com Pós-graduação na área de Artes.
	Música, Educação e Sociedade	60	Graduação em Música, com Pós-graduação na área de Artes ou na área de ciências Humanas (História, Antropologia, Sociologia) ou em Educação.
	Artes e Tecnologia	75	Graduação em Artes Visuais* ou Design com Pós-graduação em Artes, Educação ou Tecnologia da Informação
	Elementos da Linguagem Cênica	60	Graduação em Artes Cênicas (Teatro ou Dança) com Pós-graduação em Educação ou em Artes Cênicas.
	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica III	60	Graduação em Pedagogia com Pós-graduação em Artes ou em educação.
	Percepção Visual	75	Graduação em ACRESCENTAR - PSICOLOGIA , Artes Visuais ou Design com Pós-graduação em Artes, Educação ou Tecnologia da Informação
	História da Arte II	75	Graduação em Artes Visuais* ou em História com Pós-graduação em Artes (Cênicas, Visuais ou em História das Artes).
	LAV I – Pintura e Gravura	75	Graduação em Artes Visuais com Pós-graduação em Artes (Cênicas, Visuais ou em História).
	Desenho e Construção do Conhecimento	60	Graduação em Artes Visuais ou Design com Pós-graduação em Artes, Educação ou Tecnologia da Informação

	Campo de Estudo/Tópicos Especiais de Estudo	60	Graduação em Artes Visuais* com Pós-graduação em Artes, Educação ou em Tecnologia da Informação
	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica IV e Estágio Curricular Supervisionado I	60 + 75	Licenciatura em Artes Visuais* ou em Artes com Pós-graduação CORTA AQUI O STRICTO SENSU stricto sensu na área de Artes ou na área de Educação.

* Considera-se, também para efeito de Graduação em Artes, as extintas Licenciaturas de Artes.

CURSO	COMPONENTE CURRICULAR	CH	FORMAÇÃO ACADÊMICA
Licenciatura em História	História da América	90	Graduação em História com Pós-Graduação em História ou áreas afins
	História da África	90	Graduação em História com Pós-Graduação em História ou áreas afins
	História Medieval	75	Graduação em História com Pós-Graduação em História ou áreas afins
	Teoria da História II	60	Graduação em História com Pós-Graduação em História ou áreas afins
	História do Brasil I	60	Graduação em História com Pós-Graduação em História ou áreas afins
	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica III	60	Graduação em Pedagogia com Pós-Graduação em Educação
	História da Bahia I	60	Graduação em História com Pós-Graduação em História ou áreas afins
	Historiografia	60	Graduação em História com Pós-Graduação em História ou áreas afins
	Pesquisa Histórica I	60	Graduação em História com Pós-Graduação em História ou áreas afins
	História Moderna	75	Graduação em História com Pós-Graduação em História ou áreas afins
	História do Brasil II	60	Graduação em História com Pós-Graduação em História ou áreas afins
	História da Arte	60	Graduação em História com Pós-Graduação em História ou áreas afins
	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica IV e Estágio Curricular Supervisionado I	60 + 75	Graduação em História com Pós-Graduação em Educação ou em áreas afins

CURSO	COMPONENTE CURRICULAR	CH	FORMAÇÃO ACADÊMICA
Licenciatura em Física	Laboratório do Ensino de Física	60	Graduação em Física com Pós-graduação em física ou em Educação
	Estatística e Probabilidade	60	Graduação em Matemática ou Estatística com Pós-graduação na área.
	Química Geral	75	Graduação em Química com Pós-graduação.
	Física I	60	Graduação em Física com Pós-graduação.
	Cálculo II	60	Graduação em Física ou em Matemática com Pós-graduação.
	Álgebra Linear	60	Graduação em Física ou em Matemática com Pós-graduação.
	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica III	60	Graduação em Pedagogia com Pós-graduação.
	Termodinâmica	60	Graduação em Física com Pós-graduação.
	Recursos Energéticos	60	Graduação em Física com Pós-graduação.
	Cálculo Numérico	60	Graduação em Física ou em Matemática com Pós-graduação.
	Física II	60	Graduação em Física com Pós-graduação
	Cálculo III	60	Graduação em Matemática com Pós-graduação
	Campo de Estudo/ Tópicos Especiais de estudo	75	Graduação em Física com Pós-graduação
	Fundamentos Teóricos	60	Graduação em Física com pós-graduação na

	da Ação Pedagógica IV e Estágio Curricular Supervisionado I	+ 75	área de Educação
--	---	---------	------------------

CURSO	COMPONENTE CURRICULAR	CH	FORMAÇÃO ACADÊMICA
Licenciatura em Ciências Biológicas	Genética e Evolução	75	Graduação em Ciências Biológicas com Pós-graduação na área ou em áreas afins
	Física Geral e Experimental	60	Graduação em Física com Pós-graduação na área ou em áreas afins
	Anatomia Humana	60	Graduação em Ciências Biológicas ou na área de Ciências da Saúde com pós-graduação na área ou áreas afins
	Bioquímica	60	Graduação em Ciências Biológicas ou na área de Ciências da Saúde com pós-graduação na área ou áreas afins
	Geociências	60	Graduação em Geologia ou Geografia com Pós-graduação
	Biologia Vegetal I (anatomia vegetal)	60	Graduação em Ciências Biológicas com Pós-graduação na área ou em áreas afins.
	Parasitologia	60	Graduação em Ciências Biológicas ou na área de Ciências da Saúde com pós-graduação na área ou áreas afins
	Microbiologia	60	Graduação em Ciências Biológicas ou na área de Ciências da Saúde com Pós-graduação na área ou em áreas afins.
	Biologia Animal I (Zoologia de invertebrados)	60	Graduação em Ciências Biológicas com Pós-graduação na área ou em áreas afins.
	Fisiologia (Fisiologia animal)	75	Graduação em Ciências Biológicas com Pós-graduação na área ou em áreas afins.
	Biologia Vegetal II (fisiologia vegetal)	60	Graduação em Ciências Biológicas com Pós-graduação na área ou em áreas afins.
	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica III	60	Graduação em Pedagogia com Pós-graduação
	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica IV e Estágio Curricular Supervisionado I	60 + 75	Licenciatura em Ciências Biológicas com pós-graduação na área de Educação.

CURSO	COMPONENTE CURRICULAR	CH	FORMAÇÃO ACADÊMICA
Licenciatura em Geografia	Geografia Política	60	Graduação em Geografia com Pós-graduação
	Cartografia II	60	Graduação em Geografia com Pós-graduação
	Geografia Econômica	60	Graduação em Geografia com Pós-graduação
	Climatologia	60	Graduação em Geografia com Pós-graduação
	Formação Política e Territorial do Brasil	75	Graduação em Geografia com Pós-graduação
	Geografia da Indústria	60	Graduação em Geografia com Pós-graduação
	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica III	60	Graduação em Pedagogia com Pós-graduação
	Geografia Urbana	60	Graduação em Geografia com Pós-graduação
	Regionalização do Espaço Mundial	60	Graduação em Geografia com Pós-graduação
	Geografia Ambiental	60	Graduação em Geografia com Pós-graduação

	Geomorfologia	75	Graduação em Geografia com Pós-graduação
	Região e Regionalização	60	Graduação em Geografia com Pós-graduação
	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica IV e Estágio Curricular Supervisionado I	60 + 75	Graduação em Geografia com pós-graduação na área de Educação

CURSO	COMPONENTE CURRICULAR	CH	FORMAÇÃO ACADÊMICA
Licenciatura em Sociologia	Epistemologia das Ciências Humanas	60	Graduação em Ciências Sociais ou Filosofia com Pós-graduação.
	Tópicos Especiais em Economia	60	Graduação em Economia com Pós-graduação.
	Antropologia Contemporânea	60	Graduação em Ciências Sociais com Pós-graduação.
	Sociologia Contemporânea	60	Graduação em Ciências Sociais com Pós-graduação.
	Ciências Política Contemporânea	60	Graduação em Ciências Sociais com Pós-graduação.
	Teoria da História	60	Graduação em História com Pós-graduação
	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica III	60	Graduação em Pedagogia com Pós-graduação
	Metodologia da Pesquisa	75	Graduação em Ciências Sociais com Pós-graduação
	Sociologia e Educação	60	Graduação em Ciências Sociais com Pós-graduação
	Antropologia Brasileira	60	Graduação em Ciências Sociais com Pós-graduação
	Sociologia Brasileira	60	Graduação em Ciências Sociais com Pós-graduação
	Política da Educação Básica no Brasil	60	Graduação em Ciências Sociais com Pós-graduação
	História da Educação	60	Graduação em Pedagogia com Pós-graduação
Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica IV e Estágio Curricular Supervisionado I	60 + 75	Licenciatura em Ciências Sociais com pós-graduação na área de Educação	

CURSO	COMPONENTE CURRICULAR	CH	FORMAÇÃO ACADÊMICA
Licenciatura em Matemática	Fundamentos de Matemática I	75	Graduação em Matemática, Estatística, Física ou Engenharias com Pós-graduação na área ou em áreas afins.
	Física I	75	Graduação em Física com Pós-graduação na área.
	História da Matemática	75	Graduação em Matemática com Pós-graduação na área de Matemática ou Educação.
	Fundamentos da Geometria	75	Graduação em Matemática com Pós-graduação na área
	Geometria Analítica	75	Graduação em Matemática, Física ou Engenharias com Pós-graduação na área
	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica III	60	Graduação em Pedagogia com Pós-graduação
	Fundamentos de Matemática II	75	Graduação em Matemática ou Engenharias com Pós-graduação na área

	Física II	75	Graduação em Física com Pós-graduação na área
	Álgebra Linear	75	Graduação em Matemática ou Engenharias com Pós-graduação na área
	Álgebra I	75	Graduação em Matemática ou Engenharias com Pós-graduação na área.
	Cálculo I	75	Graduação em Matemática, Física ou Engenharias com Pós-graduação na área.
	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica IV e Estágio Curricular Supervisionado I	60 + 75	Graduação em Matemática com Pós-graduação em Educação
CURSO	COMPONENTE CURRICULAR	CH	FORMAÇÃO ACADÊMICA
Licenciatura em Computação	Interface Homem-Máquina	60	Graduação na área de Ciência da computação ou em áreas afins com Pós-graduação
	Gestão de Projetos	45	Graduação na área de Ciência da computação ou em áreas afins com Pós-graduação na área ou em áreas afins. Experiência em Gestão de Projetos
	Oficina de Gestão de Projetos	30	Graduação na área de Ciência da computação áreas afins com Pós-graduação na área ou em áreas afins. Experiência em Gestão de Projetos
	Algoritmos e Estruturas de Dados	75	Graduação na área de Ciência da computação ou em áreas afins com Pós-graduação na área ou em áreas afins
	Estatística	60	Graduação em Matemática, Estatística ou Engenharias com Pós-graduação na área ou em áreas afins
	Cálculo Diferencial e Integral	60	Graduação em Matemática, Física ou Engenharia com Pós-graduação na área ou em áreas afins
	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica III	60	Licenciado em Pedagogia com Pós-graduação
	Fundamentos de Banco de Dados	60	Graduação na área de Ciência da computação ou em áreas afins com Pós-graduação na área ou em áreas afins
	Oficina de Banco de Dados	30	Graduação na área de Ciência da computação ou em áreas afins com Pós-graduação na área ou em áreas afins
	Programação de Computadores	75	Graduação na área de Ciência da computação ou em áreas afins com Pós-graduação na área ou em áreas afins
	Oficina de Programação	30	Graduação na área de Ciência da computação ou em áreas afins com Pós-graduação na área ou em áreas afins
	Análise de Sistemas	60	.Graduação na área de Ciência da computação ou em áreas afins com Pós-graduação na área ou em áreas afins
	Tecnologias Multimídia	60	Graduação na área de Ciência da computação ou em áreas afins com Pós-graduação na área ou em áreas afins
	Campo de Estudo /Tópicos Especiais de Estudo	60	Graduação na área de Ciência da computação ou em áreas afins com Pós-graduação na área ou em áreas afins
Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica IV e Estágio Curricular Supervisionado I	60 + 75	Graduação na área de Ciência da computação ou em áreas afins com Pós-graduação	

CURSO	COMPONENTE CURRICULAR	CH	FORMAÇÃO ACADÊMICA
Licenciatura em Pedagogia	Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Alfabetização	75	Graduação em Pedagogia com pós-graduação na área ou em áreas afins
	Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Jogo	60	Graduação em Educação Física ou Pedagogia com pós-graduação na área.
	Arte e Educação	60	Graduação em Artes ou Pedagogia com pós-graduação na área de artes.
	Ensino da Língua Portuguesa I	60	Graduação em Letras com pós-graduação na área ou em áreas afins.
	História e Cultura Afro-Brasileira	75	Graduação em História ou Pedagogia com Pós-graduação na área.
	Fundamentos da Práxis Pedagógica III	70	Graduação em Pedagogia com pós-graduação em Educação.
	Estágio Curricular Supervisionado III	75	Graduação em Pedagogia com pós-graduação em Educação.
	Ensino da História I	60	Graduação em História com pós-graduação na área de Educação
	Ensino da Matemática I	60	Graduação em Matemática com pós-graduação na área de Educação.
	Ensino Geografia I	60	Graduação em Geografia com pós-graduação na área de Educação.
	Ensino das Ciências Naturais I	60	Graduação em Ciências Biológicas com pós-graduação de Educação.
	Ensino da Língua Portuguesa II	60	Graduação em Letras com pós-graduação na área ou em Educação.
	Campo de Estudo /Tópicos Especiais de Estudo	75	Graduação em Pedagogia com pós-graduação na área ou em áreas afins.
	Fundamentos da Práxis Pedagógica IV	70	Graduação em Pedagogia com pós-graduação na área de Educação.
Estágio Curricular Supervisionado IV	75	Graduação em Pedagogia com pós-graduação na área de Educação.	

CURSO	COMPONENTE CURRICULAR	CH	FORMAÇÃO ACADÊMICA
Licenciatura em Letras	Linguística I	60	Licenciatura em Letras com Pós-graduação na área
	Língua Inglesa I	60	Licenciatura em letras com Inglês e Pós-graduação na área
	Oficina de Semiótica	60	Licenciatura em Letras e/ou Comunicação Social e pós – graduação na área
	Língua Portuguesa II	60	Licenciatura em Letras com Pós-graduação na área
	Cultura Afro-Brasileira	60	Licenciatura em História e/ ou Ciências Sociais com Pós-graduação na área
	Teoria da Literatura II	60	Licenciatura em Letras com Pós-graduação na área
	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica III	60	Licenciatura em Pedagogia com Pós-graduação na área
	Linguística II	60	Licenciatura em Letras com Pós-graduação na área
	Língua Inglesa II	60	Licenciatura em Letras com Inglês e Pós-graduação na área
	Literatura Brasileira	60	Licenciatura em Letras com Pós-graduação na área

	Língua Portuguesa III	60	Licenciatura em Letras com Pós-graduação na área
	Literatura Portuguesa	60	Licenciatura em Letras com Pós-graduação na área
	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica IV e Estágio Curricular Supervisionado I	60 + 75	Licenciatura em Letras com Pós-graduação na área

CURSO	COMPONENTE CURRICULAR	CH	FORMAÇÃO ACADÊMICA
Licenciatura em Educação Física	Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Jogo	75	Graduação em Educação Física com pós-graduação na área ou em áreas afins
	Educação Física Escolar I	60	Licenciatura em Educação Física com pós-graduação na área ou em áreas afins
	Fisiologia do Exercício	60	Graduação em Ciências Biológicas ou em Ciências da Saúde com pós-graduação na área ou em áreas afins.
	Cinesiologia	60	Graduação em ciências da saúde com pós-graduação na área ou em áreas afins.
	Prevenção de Lesões e Primeiros Socorros na Atividade Física	60	Graduação em ciências da saúde com pós-graduação na área ou em áreas afins.
	Medidas e Avaliação em Educação Física	60	Graduação em Educação Física com pós-graduação na área ou em áreas afins
	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica III	60	Graduação em Pedagogia com Pós-graduação
	Fundamentos Teóricos e Metodológicos da dança	60	Graduação em Educação Física ou em dança com pós-graduação na área ou em áreas afins
	Fundamentos Teóricos e Metodológicos do futebol e do futsal	60	Graduação em Educação Física com pós-graduação na área ou em áreas afins
	Fundamentos Teóricos e Metodológicos da natação	60	Graduação em Educação Física com pós-graduação na área ou em áreas afins
	Fundamentos Teóricos e Metodológicos da capoeira	60	Graduação em Educação Física com pós-graduação na área ou em áreas afins
	Fundamentos Teóricos e Metodológicos do voleibol	60	Graduação em Educação Física com pós-graduação na área ou em áreas afins
	Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Atletismo	60	Graduação em Educação Física com pós-graduação na área ou em áreas afins
	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica IV e Estágio Curricular Supervisionado I	60 + 75	Graduação em Educação Física com Pós-graduação

CURSO	COMPONENTE CURRICULAR	CH	FORMAÇÃO ACADÊMICA
Licenciatura em Química	Química Orgânica I	60	Graduação em Química com pós-graduação na área ou em áreas afins
	Estatística	60	Graduação em Matemática, Estatística ou Engenharia com pós-graduação na área ou em áreas afins
	Química Inorgânica I	60	Graduação em Química com pós-graduação
	Química Geral II	90	Graduação em Química com pós-graduação
	Física II	60	Graduação em Física com pós-graduação
	Cálculo II	60	Graduação em Matemática, Física ou Engenharias com Pós-graduação na área.
	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica III	60	Licenciatura em Pedagogia com Pós-graduação
	Química Orgânica II	75	Graduação em Química com pós-graduação na área ou em áreas afins
	Evolução das Ciências	60	Graduação em Química com pós-graduação
	Química Inorgânica II	60	Graduação em Química com pós-graduação na área ou em áreas afins
	Química Analítica I	75	Graduação em Química com pós-graduação na área ou em áreas afins
	Físico-Química I	60	Graduação em Química ou em Física com pós-graduação na área ou em áreas afins
	Fundamento de Biologia	60	Graduação em Ciências Biológicas com pós-graduação.
	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica IV + Estágio Curricular Supervisionado I	60 + 75	Licenciatura em Química com Pós-graduação em Educação

Anexo III DO EDITAL

DECLARAÇÃO DO DIRETOR DE DEPARTAMENTO

Eu, _____ Diretor (a) do Departamento de _____, Campus _____, na Cidade de _____ declaro para os devidos fins, que estou ciente da participação do Professor (a) _____, cadastro nº _____, no PROGRAMA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA, conforme objeto desta inscrição, devendo para tanto, organizar o seu cronograma de acordo com a sua disponibilidade de horário, sem prejuízo do desempenho das atividades acadêmicas do Departamento, conforme constante do PIT (Quadro).

QUADRO DE HORÁRIO DAS ATIVIDADES DO PROFESSOR NO DEPARTAMENTO

	Segunda-feira	Terça-Feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira Feira	Sábado
Matutino						
Vespertino						
Noturno						




Em _____/_____/_____

Carimbo e Assinatura do Diretor(a) de Departamento

FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO

DADOS PESSOAIS		
Nome:		
CPF:	RG:	
Endereço:		
Email:	Tel.:	
FORMAÇÃO		
Nível	Instituição	Ano/Conclusão
Graduação		
Especialização		
Mestrado		
Doutorado:		
Pós-Doutorado		
Componente Curricular	Curso	Município/Pólo
VINCULAÇÃO PROFISSIONAL		
Instituição	Início	Término
EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NA DOCÊNCIA SUPERIOR		
Instituição	Início	Término

ANEXO IV DO EDITAL

	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB AUTORIZAÇÃO: DECRETO Nº 92937/86, DOU 18.07.86 - RECONHECIMENTO: PORTARIA Nº909/95, DOU 01.08.95	 
	PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO - PROGRAD	
	PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA	
	PLATAFORMA FREIRE	

ATA DE SELEÇÃO DE PROFESSOR PESQUISADOR FORMADOR DO PLATAFORMA FREIRE- PARFOR

A T A

Às ____ do dia _____ do mês de _____ de _____, (horas/minutos) na cidade _____ no Estado Bahia estavam presentes o Coordenador _____ do Curso _____ Pólo _____ Departamento _____, os professores _____ e _____, membros da Comissão composta especialmente para proceder à seleção de candidatos para o cargo de Professor-Formador, no Componente Curricular _____ para o Curso _____ Pólo _____ Departamento _____, da UNEB, reunidos no Departamento _____, Campus ____ – _____. Inicialmente o (a) Presidente da Comissão Coordenador(a) Professor(a) _____ apresentou aos demais membros a lista do(s) candidato(s) inscritos até a presente data, a qual era composta por:

_____ Às (horas/minutos) _____ do dia _____ de (mês) _____ de (ano) _____ foi realizada a seleção através da análise dos Currículos dos candidatos. Concluídos os trabalhos, a Comissão apresentou

o seguinte resultado: o(a) candidato(a) _____ foi selecionado em primeiro lugar, o(a) candidato(a) _____ foi selecionado em segundo lugar, o(a) candidato(a) _____ foi selecionado em terceiro lugar. O Presidente da Comissão, às(horas/minutos) _____ do dia _____ de _____ de dois mil e onze, deu por encerrados os trabalhos do Processo Seletivo para Professor Pesquisador- Formador PARFOR para a vaga supra citada, dos quais, eu, _____ (nome do Presidente da Comissão) lavrei a presente ata que vai assinada por mim e por todos os membros da Comissão.

_____, _____ de _____ de _____

ASSINATURA DOS MEMBROS DA COMISSÃO)

ANEXO N. 2.



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – DEPARTAMENTO DE
EDUCAÇÃO – CAMPUS XII - GUANAMBI**

**Programa Nacional de Formação de Professores- Plataforma
Freire**

**Curso: Licenciatura em Artes Visuais
Calendário 2010 – MÓDULO I**

ABRIL								
	17 SAB.	18 DOM.	19 SEG.	20 TER.	21 QUA.	22 QUI.	23 SEX.	24 SÁB.
Manhã 07:30 às 12:00	ABERTURA	Ofic. Leitura Prod. Textual	Ofic. Leitura Prod. Textual	Fund. Ação Ped. I	Fund. Ação Ped. I	Hist. Da Educação	Fund. Ação Ped. I	Ofic. Leitura Prod. Textual
Tarde 13:30 às 18:00	Hist. Da Educação	Hist. Da Educação	Hist. Da Educação	Ofic. Leitura Prod. Textual	Hist. Da Educação	Ofic. Leitura Prod. Textual	Ofic. Leitura Prod. Textual	Fund. Ação Ped. I

Disciplina/ Carga horária no módulo	Professor
História da Educação – 25h	Prof. Josias Benevides da Silva
Oficina de Leitura e Produção Textual – 30h	Prof ^ª . Tatiane Malheiros Alves
Fundamentos da Ação Pedagógica I – 20h	Prof ^ª . Jany Rodrigues Prado

V APENDICES

APENDICE I

Questionário Coordenadora Local de Barreiras, Profa. Ms. Vera Nunes

APÊNDICE II (apenas para formato escrito. Os links para os vídeos estão inseridos no texto)

DVD com filmagens 1 e 2 da profa. Norma Neyde e com filmagem do Seminário

APENDICE I – Questionário Coordenadora Local de Barreiras, Profa. Ms. Vera Nunes

PREZADO COLEGA COORDENADOR LOCAL:

Estou escrevendo um artigo sobre nossa experiência de implantação do PARFOR, e suas inovações e percalços. Peço a vocês que respondam, o mais breve possível, via email, esse pequeno questionário que envio a vocês. Tenho que finalizar uma redação inicial até a quarta que vem, dia 8 de outubro.

Essas respostas farão parte dos dados que analiso para escrever e discutir essa implantação, esses ganhos e perdas.

Considerando que temos tido muito trabalho e pouca divulgação e sistematização do que fazemos, enfatizo a importância dos dados que vcs me passarem, e peço a permissão de uso das respostas no artigo; e, se puderem, mandem para mim também as fotos, materiais e imagens que julguem relevantes dos trabalhos que foram feitos e produtos realizados por vocês no período em que coordenaram ou ainda coordenam.

Se mandarem algo mais além dos questionários, o que para mim seria maravilhoso, por favor, informem o tema, **quem tirou as fotos ou filmes, quando, onde e em que atividade.**

Muito grata,

Isa Trigo,
Coordenação Geral

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS COORDENADORES

Identificação do coordenador

Nome Vera Nunes
Pólo Barreiras
Período 2010 a 2014

1. Descreva como se deu o processo de implantação do curso sob a sua coordenação (inscrição, seleção e manutenção dos alunos)
2. Como foi a contratação dos professores.
3. Quais as dificuldades encontradas entre os alunos, professores e funcionários
4. De que maneira você encaminhou as soluções dos problemas
5. Que resultados, processos e produtos lhe surpreenderam e porque

Caso possa, favor anexar ao corpo do email de resposta do questionário as imagens, informando o que é pedido acima.

O curso iniciou com 44 alunos matriculados, mas compareceram 32, e finalizaram 29. A seleção foi realizada através de uma prova.

No primeiro momento os professores se inscreviam no portal, após entregavam a documentação no Campus, o coordenador local fazia a seleção juntamente com mais dois

professores e escolhia-se os professores. Mas quando os componentes se tornaram específicos contactou-se com outras instituições para conseguir profissionais. Uma tarefa nem sempre fácil, já que nem todos aceitavam vir à Barreiras, pela falta de pró-labore para as diárias e hospedagem.

Durante o curso problemas surgiram como a falta de laboratórios, doenças graves, mas que foram solucionadas. Para as aulas de laboratório utilizou-se de uma Cooperativa Educacional de Barreiras. Dificuldades também com materiais que foram adquiridos pelas próprias alunas. Um dado importante foi a boa relação coordenação e alunos, isso favoreceu a solução de muitos problemas. A interferência em projetos junto a comunidade foi um fator relevante do curso.



Laboratório de cerâmica – professor Antonio Carlos Portela



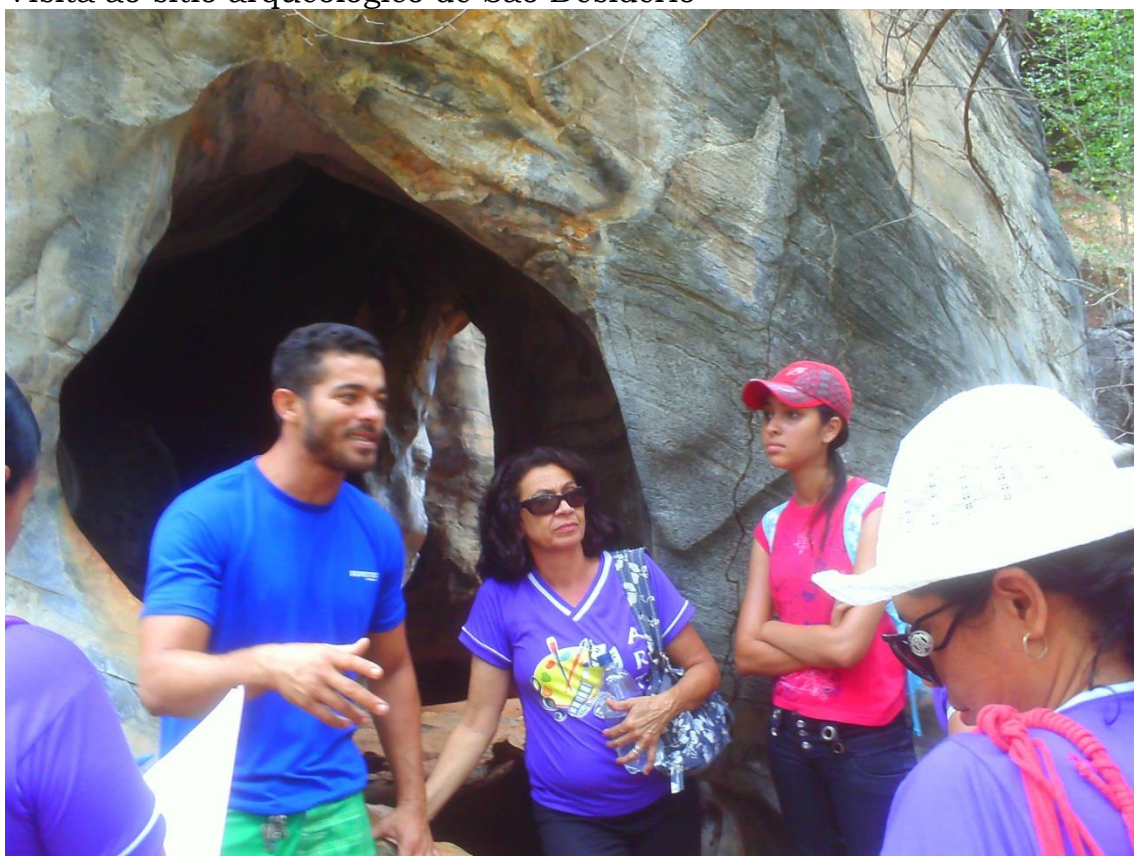
Projeto formação dos professores das séries iniciais em arte – teatro



Componente curricular –Pratica V – seminário Afro – Palácio das Artes

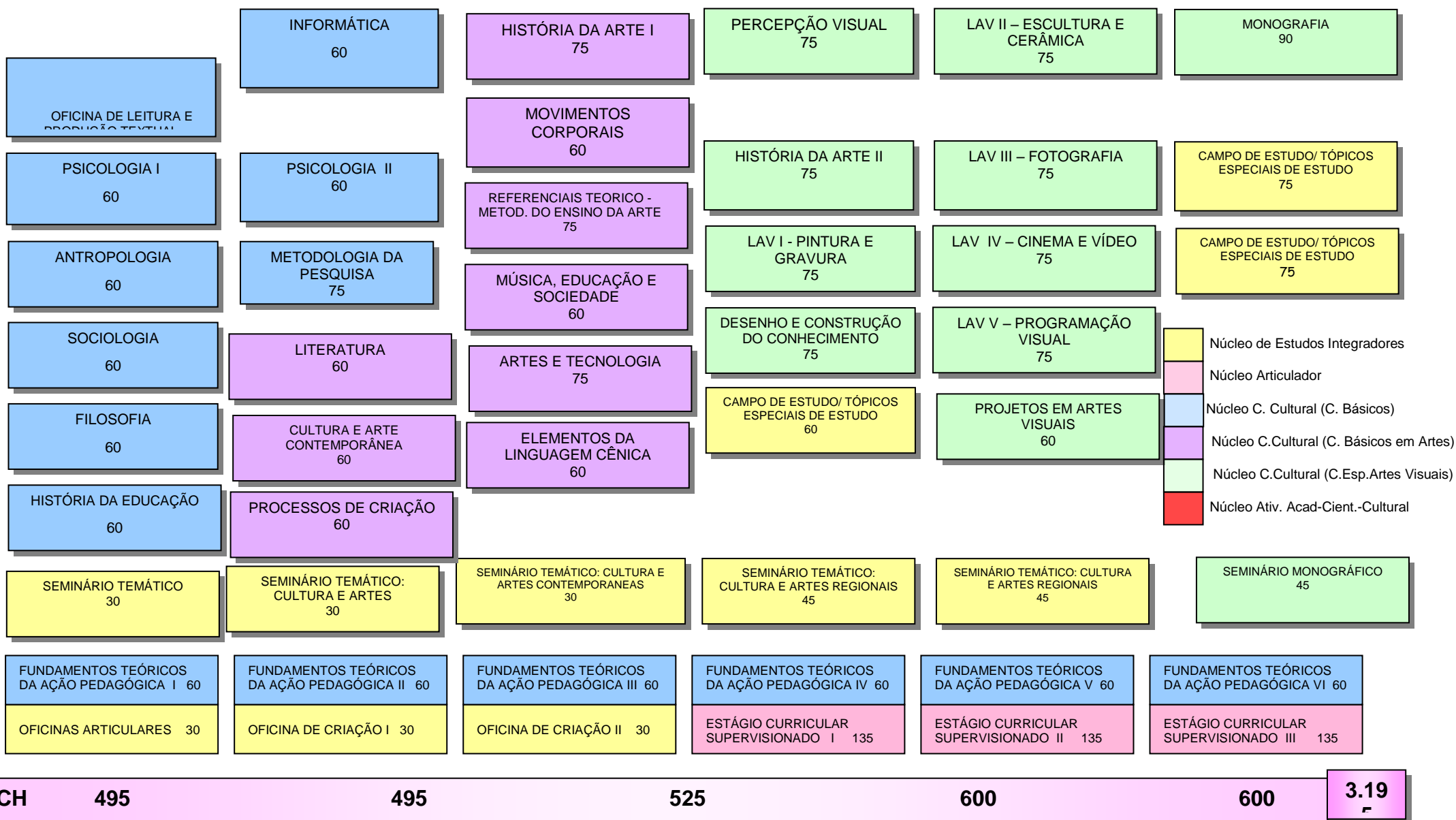


Visita ao ceramista em Angical
Visita ao sítio arqueológico de São Desidério





FLUXOGRAMA ORIGINAL DA PARFOR - 2010- ADVINDO DO PROESP



Os professores-alunos que não tiverem condições de realização das ACCs fora do âmbito do Curso, poderão realizá-las através dos Campos de Estudos ou Tópicos Especiais de Estudos conforme especificado no corpo do projeto. Os professores-alunos que realizarem tais atividades fora do âmbito do Curso, estarão dispensados de cursar os Campos de Estudos ou Tópicos Especiais de Estudos conforme especificado no corpo do projeto.

Fluxograma do Curso aplicado nos cursos de Artes Visuais – licenciaturas – 2010 a 2014

LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS Programa De Formação Inicial De Professores Da Educação Básica – Plataforma FREIRE					
Oficina de Leitura e Produção Textual 75	Informática 60	História da Arte I 75	Percepção Visual 75	LAV II – Escultura e Cerâmica 75	Monografia 90
Psicologia I 75 60	Psicologia II 60	Movimentos Corporais 60	História da Arte II 75	LAV III – Fotografia 75	Campo de Estudo/ Tópicos Especiais de Estudo 75
Antropologia 60	Metodologia da Pesquisa 75	Referenciais Teórico-Metod. do Ensino da Arte 75	LAV I - Pintura e Gravura 75	LAV IV – Cinema e Vídeo 75	Campo de Estudo/ Tópicos Especiais de Estudo 75
Sociologia 60	Literatura 60	Música, Educação e Sociedade 60	Desenho e Construção do Conhecimento 30	LAV V – Programação Visual 75	
Filosofia 60	Cultura e Arte Contemporânea 60	Artes e Tecnologia 75	Campo de Estudo/ Tópicos Especiais de Estudo 60	Projetos em Artes Visuais 60	
História da Educação 60	Processos de Criação 60	Elementos da Linguagem Cênica 60			
Seminário Temático 30	Seminário Temático: Cultura e Artes 30	Seminário Temático: Cultura e Artes Contemporaneas 30	Seminário Temático: Cultura e Artes Regionais 45	Seminário Temático: Cultura e Artes Regionais 45	Seminário Monográfico 45
Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica I 60	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica II 60	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica III 60	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica IV 60	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica V 60	Fundamentos Teóricos da Ação Pedagógica V 60
Oficinas Articulares 30	Oficina de Criação I 30	Oficina de Criação II 30	Estágio Curricular Supervisionado I 135	Estágio Curricular Supervisionado II 135	Estágio Curricular Supervisionado III 135
495	495	525	600	600	480

Carga horária total eixos: 3645

Os professores-alunos que não tiverem condições de realização das ACCs fora do âmbito do Curso, poderão realizá-las através dos Campos de Estudos ou Tópicos Especiais de Estudos conforme especificado no corpo do projeto. Os professores-alunos que realizarem tais atividades fora do âmbito do Curso, estarão dispensados de cursar os Campos de Estudos ou Tópicos Especiais de Estudos conforme especificado no corpo do projeto.

Núcleo de Estudos Integradores

Núcleo Articulador

Núcleo C. Cultural (C. Básicos)

Núcleo C. Cultural (C. Básicos em Artes)

Núcleo C. Cultural (C. Esp. Artes Visuais)

Núcleo Ativ. Acad-Cient. Cultural

